

Manuel Bernardes Branco
N. 4700

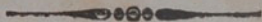
P. 506

Wadof

OBRAS

DE

ALEXANDRE BRAGA.



~~de seu filho~~

J. Braga

VOZES D'ALMA,

Mame A Bernades Bragança

N.º 1520

PORTO

2.543

TYP. DE J. L. DE SOUSA,

Rua do Bomjardim n.º 649.

1849.

~~A. ...~~

OBRAZ

DE

ALEXANDER HERRL

VORIN D'ALMA

Manuel / Paray / de / 1750

PHOTO

THE DE J. L. DE SOUZA
Rue de Valenciennes 819

1918

A MEU PAE,

O SNR. ALEXANDRE JOSÉ DA SILVA BRAGA,

BEDICO

*estes meus primeiros ensaios poeticos, como
um penhor de gratidão e amizade filial.*



OU juntar mais um livro aos muitos que por
ahi andaõ a rôdo, desprezados por todos
neste seculo d'illustração e *progresso* em que tão só-
mente se leem, no nosso velho e estropeado Portugal,
meia duzia de novellas d'*Alexandre Dumas*, e *Eu-
genio Sue*, ou algum artigo e folhetim de gazeta.

Não ignoro isto — não sou tão louco que desco-
nheça este desamor, ou antes *despreso*, com o qual
são recompensadas entre nós as cousas patrias; conhe-
ço-o perfeitamente, e não tenho esperança alguma de
vêr, isenta da sorte commum a todas as obras nacio-
naes, esta pequena collecção dos meus primeiros en-
saios poeticos. Creio n'isto tão firmemente como ac-
redito que, no fim dos séculos, terei de comparecer
no célebre valle de Josaphat: todavia não tive o va-
lor bastante para entregar ás chammaas, ou conservar
por mais tempo inéditas as poesias, que agora dou á
luz.

tambem outras muitas que conservava inéditas: formei pois este livro que arremeço á multidão que nunca o entenderá — e ao pequeno numero d'eruditos que talvez o porão na estante sem o lerem, ou m'o atirarão, depois de o haverem folheado, debaixo da banca, e lhe darão um pontapé de desprezo, espriguiçando-se na poltrona, e balbuciando a custo: — « *É preciso ter paciencia de Job para o lêr!* » — e continuarão depois, como até esse tempo, no seu *sancto* ocio.

E é isto o que devo esperar. Infelizmente não tenho um nome conhecido, e o nome, quasi sempre, é o *escudo* do escriptor.

Todavia julgo que a critica deverá ter para comigo alguma contemplação. Este livro é, como já disse, uma pequena collecção das minhas primeiras producções poeticas, e por isso mesmo quero-lhe muito, mas não me cega tanto este amor que o julgue isento de defeitos: creio sim que ha n'elle alguma poesia, quando não tenha outro nenhum valor — e já isto é bastante merito para uma obra que não passa d'um primeiro ensaio: demais, conto apenas vinte annos d'idade, e algumas das poesias, insertas n'este livro, tinhão já sido escriptas e publicadas em 1847 — é verdade que, não só estas, mas todas aquellas que julguei carecerem de reforma, foraõ agora augmentadas, diminuidas, ou alteradas como melhor me conveio; mas nem por isso deverão exigir de mim toda a méstria d'um homem que consumisse dez ou vinte annos na leitura d'um *Schiller*, ou d'um *Byron*.


Escrevi-as quando era mais ditoso do que hoje sou; quando a existencia era para mim antes um sonho do que uma realidade; quando via o mundo, atravez do prisma mentiroso das illusões, não um deserto esteril e medonho, onde o homem vaga como espectro, como escravo da creação; mas um jardim de fadas; mas um éden de delicias, um verdadeiro paraíso do Al-Corão — quando a vida me sorria tão feliz e tão bonançosa, como deveria ser os primeiros dias d' *Adão e Eva* — como *Milton* os pôde imaginar. Escrevi-as taes como m'as dictou o coração, como ellas vinhaõ lá de dentro, do mais recondito de minh'alma: hoje porém que, tão moço ainda, já vejo perdidas todas as minhas esperanças de mancebo; extinctas todas as illusões que me doiravaõ a obra do Creador; todos os sonhos que sonhára acordado — que valor não fõra necessario para entregar ás chammas tudo quanto me resta, as recordações d'um passado venturoso, — esta pequena collecção de saudades, estas vozes de minh'alma transmittidas ao papel na linguagem da poesia, nos echos do coração? Era mister ser um *Chatterton*, como o pôde conceber *Alfredo de Vigny*, para as purificar no fogo, e envia-las ao céu em sacrificio solemne!

Hesitei contudo algum tempo em lhes dar publicidade; mas já muitas d'ellas tinhaõ sido estampadas nas columnas d'esses jornaes que por ahi vogaõ. . . Esta idéa fez-me resolver em fim a juntar, e inserir n'um volume não só as poesias já publicadas, mas

A' vista d'estes motivos julgo que deverei esperar alguma benevolencia da parte do leitor; e se me não enganar, se emfim tiver a ventura — (o que será difficil) de não desagradarem as *Vozes d'alma*; não será este o ultimo livro que darei a lume; mas se, pelo contrario, ellas forem despresadas, ver-me-hei constringido a seguir outro rumo — escreverei artigos e folhetins de gazeta.

Porto 31 de Julho de 1849.

INVOCACÃO.

 U, oh musa dos céus, que meiga inspiras
 Aos archanjos do Eterno os sacros hymnos,
 Desce á terra uma vez sobre aurea nuvem
 Recamada d'azul, de prata, e fôgo!
 Rainha da poezia, ao pobre bardo
 Vem risonha affagar; co' as tranças d'oiro
 Lh' enxuga o triste pranto da saudade,
 E em ternissimas queixas, pouco e pouco,
 Lh' ensina a minorar as magoas d'alma.
 Vem, com meigo sorriso, e ledo rôsto,
 Com travesso folgar, dictar-lhe os carmes,
 Concertar-lhe da lyra as aureas cordas,
 Doirar-lhe as illusões, doirar-lhe a vida,
 Ensinar-lhe na terra os sons dos anjos!
 Oh musa divinal, nos meigos olhos
 Traze o fôgo dos céus; n'um seu requêbre

Lhe abraza o peito, lhe aviventa o éstro !
 S'elle carpir d'amor, sejaõ seus versos
 Como extremo cantar de brando cysne;
 Se alegre descantar d'amor os gòsos
 Mane dos labios seus o mel celeste.
 Anda ensinar-lhe a lèr na luz dos astros;
 No susurro dos mares, da floresta,
 No ronco do trovão, mostra-lhe, oh Musa,
 D'um Deus a omnipotencia, a voz do mundo.
 Vem inspirá-lo — em paga te protesta
 Tão doces carmes modular na terra,
 Que os repitaõ nos céus os proprios anjos.

Porto 6 de Fevereiro de 1847.

GONÇALO HERMIGUES.

I.

— “**C**uia! remeiros, aos remos;
E remar a bom remar,
Que já doira a luz da auróra,
As rochas á beira-mar:

Aos remos! vamos. . . ligeiros,
Do Tejo as agoas cortae;
— São tão lindas estas margens,
Estes céus! — remae, remae:

Vamos! vamos! junto á terra,
Do musgo junto ao verdor
Eia! remae; não me roubem
D’*Almada* a mais linda flôr.

Remeiros, remae, que os astros
Já fogem á luz do sol —
E, na floresta perdido,
Canta ao longe o rouxinol:

Remae, remae, n'essas praias,
Entre incantos mais de mil,
Festejando a madrugada
Já folga a moirisma vil.

Remae, que busco a mais linda
D'entre as *hourís* do Corão,
Que tenho alli, entre moiros,
Alma, e crença, e coração. . . .

Tenho-a alli bella florinha
Linda pérola do Islam,
Mais feiticeira, mais pura
Do que a brisa da manhã:

Vi-a, e logo escravo d'*ella*
Quiz colher tão linda flôr,
Jurei-o por Deus: não quebra
Sua jura o trovador.

Eia! remae. . . . Contra os moiros
Vamos além pelejar:
— Folgae, perrós, que o Propheta
Não vos ha-de abandonar!

A correr, entre a verdura,
Vêde o Tejo de crystal;
Vêde a brincar co'as flôrinhas
Doce brisa matinal:

Vêde da *Arrabida* as serras,
Com nublado, extenso véu,
Lá d'entre as vagas subindo
Gigantescas quasi ao céu!

Mas tremei... D'*Hermigo* a sombra
Contra vós se alevantou —
Tinta de sangue, irritada
Esta espada me entregou.

Ei-la aqui: trocou por ella
Pobre lyra o trovador;
Paterna herança, este ferro
E' dos moiros o terròr!

Mas . . . olhae . . . Lá folga alegre
Entre as donzellas d'Allah —
Ei-la ahi, estrella d'alva,
Linda rosa de Judah!

Remeiros, é tempo, á terra,
Guiæ á terra o batel;
— Dorme o anjo da pureza
Entre a moirisma infiel.

E os remos remão ligeiros
Sempre , sempre , sem parar ,
E a barca a fugir parece
Formoso cysne a boiar ;

Já das margens c'os perfumes
Vem a brisa a rescender
Perto estão : brandas areias
Começa a barca a fender .

— « Vamos , remeiros , aos moiros !
Tomae lanças e broqueis . . .
Não nos esperaõ . . . A' guerra !
Guerra e morte aos infieis ! » —

II.

Já doira as agoas do Tejo
Da manhã sereno alyôr ,
E os moiros conversaõ ledos
Ou de guerras , ou d'amor .

Pelas praias , descuidadas
Que lindas moiras lá vão ! . . .
Quem n'as vê fica sem alma
Seja infiel ou christão :

Fica sem alma , que , ao vê-las
Tão gentís , todas do céu ,
Ninguém resiste — e por ellas
Moirar-me quizera eu !

Tudo é paz: já não fulgura
D'*almenara* a horrível luz;
O pendão das meias luas
Não teme os crentes da Cruz.

Longe, bem longe d'*Almada*,
Jaz d'Ourique o vencedor:
Do Mondego o prendem agoas,
Das margens d'elle o verdôr:

Mas ao largo horrível grita
Pelo espaço retumbou;
Grito de guerra. . . entre os moiros
Terror de morte espalhou!

— « Crentes d'Allah, eis a gente,
Eis a grita do Christão;
Fujamos. . . não é vergonha
Fugir d'infame traição! »

— « Sanct'Iago e rei Affonso!
Vamos! vamos! batalhar;
Ricos despojos de guerra
Hão-de estas praias juncar!

Vamos. . . não fica no campo
Um só neto d'Ismael,
Quando de *Gonçalo Hermigues*
Reluz o ferreo broquel!

Nem ficará, qu'eu protesto
D'estes perros triumphar;
Mil turbantes e mil craneos
Hão-de estas praias juncar!» —

Disse, e com medonho aspecto
Brande a espada o trovador —
Espada *que se não lorce,*
Que é dos moiros o terror!

Quando brilha é mais terrível
Que do raio atro claraõ,
— Não lhe resiste érea cota,
Nem ferrenho morrião!

Não resistem, que essa espada
E' sempre aos moiros fatal:
Onde passa, abre na terra
Rubro lago, por signal.

Fogem os moiros, inermes
Nem procuraõ resistir
Oh! que horror! Terrível noite
Venha estes sitios cubrir!

Venha-os cubrir: não se veja
Tão cruento batalhar!
Não se vejaõ mil cabeças
Mutiladas, pelo ar!

Não se vejaõ vinte adagas
Tintas em sangue infiel;
Nem morrer velhos e virgens
Da batalha no tropel!

Crentes d'Allah! não vos salvaõ
As sanctas leis do Corão;
O pendão das meias luas
Cahio aos pès do Christão!

Sois escravos! . . . Contra *Hermigues*
Quem podéra batalhar?
Ai! de vos, que n'estas praias
Nunca mais vireis folgar!

Nunca mais vireis, contentes
A' luz nascente do sol,
Do Tejo nos densos bosques
Escutar o rouxinol:

Nem a brisa ha-de abrandar-vos
D'ardente sesta o calôr,
Nem vossas virgens fallar-vos
D'Allah, da patria, e d'amor.

Crentes d'Allah, não vos salvaõ
As sanctas leis de Corão. . .
Em vão chamaes o Propheta:
Sois escravos do Christão.

III.

Onde vaes, *Gonçalo Hermigues*,
Quem te faz correr assim?
Levas, nos braços de ferro,
Meigo, gentil cherubim!

De moiro, que degollaste,
Montas sangrento corcel:
Treme inda d'espanto ao ver-te
Dos captivos o tropel. . . .

E tu fóges! Póde acaso
Tornar-te cobarde o amor?
Foges porque tens nos braços
D' *Almada* a mais linda flôr?

E o corcel corre ligeiro
Como a setta a sibilar,
Como o fôgo da tormenta,
Como as ondas lá no mar:

Corre, corre. . . . mas agora
Oh! já não póde correr. . . .
—*a* Pára, e treme, *Dom Hermigues*;
Ou resgatá-la, ou morrer.

Elle parou — vio a furto
Ferrenho alfinje luzir,
E sentio, d'entre seus braços,
A linda moira fugir:

Olhou. . . Ao longe correndo
Montado em leve corcel,
Audaz, valente guerreiro
Leva o anjo d'Ismael.

Hermigues, treme. . . No peito
Sente a vilita, sente o amôr;
Receio não; nada teme,
Que é mancebo e trovador:

— « Corre, corre, meo ginete,
Moiros mil aos pés calcar,
Que me roubarão dos braços
O anjo do meu sonhar!

Disse e parte: — mais que o vento
Corre o feroso alasaõ;
Corre, corre mais que o raio,
Mais que a lava do volcaõ:

Corre, corre. . . ei-los já perto. . .
Ei-los juntos, e a brigar!
Entre golpes mil de morte
Cabe morto o neto d'Agar.

Pallida e muda a donzella
Branca estatua — alli ficou,
Quando *Hermigues* triumphante
Como escravo assim fallou:

— « Ah ! não temas : são teus loiros
Os loiros do vencedor ,
Dá-te a gloria o cavalleiro ,
Dá-te a lyra o trovador ;

Juro até , linda *Fatima* ,
Que teu escravo serei ,
S'esquecer tu me promettes
De Mafoma a torpe lei . »

IV.

Ai ! quanto não és formosa ,
Sanctarem , como és gentil
Com teus bosques d'esmeralda ,
Teus feitiços mais de mil !

Junto de ti , caudaloso
Corre o Tejo a murmurar —
Tu miras n'elle , soberba
Tua belleza sem par !

Miras n'elle , os altos muros ,
A mesquita , a barbacã . . .
Encantos , que tinhas , moira ,
Inda os tens , sendo christã .

Debalde quizerão moiros
Conservar-te em seu poder ;
Foi debalde : — contra *Affonso*
Quem se póde defender ?

Perderão-te. . . . onde tremia
No adarve o maureo pendão,
Tremula, espectro de morte,
A bandeira do Christão.

A' lerta! jámais o esculca
Nos teus muros bradará;
Nem os echos das montanhas
Dirão o nome d' *Allah*!

Nunca mais, que nos teus muros
Folga o guerreiro da Cruz;
E do Christão a armadura
Mal alvorece, reluz!

Ai! Sanctarem, como és bella,
Quem assim te infeitiçou,
Que Dom Affonso o *Mondego*,
Para te ver, despresou!

Ao longo das tuas praias
Olha.. lá vae a folgar. . . .
Cerca-o luzido cortejo
De gentileza sem-par!

Tão cêdo!. . . . mal no horizonte
Começa o dia a romper!
Por tão alta madrugada
Que irá elle alli fazer?

Que irá fazer ? . . . Olha , ao longe
Negrejaõ negros bateis ;
Bõa presa são por certo ,
Que são barcos d'infieis.

El-rei parou : a celeuma
Já fêre os echos d'alêm :
— « *Terra ! terra ! — Entre a verdura
Lá campêa Sanctarem !*

— *Terra ! terra !* » — Emtorno aos barcos
Vê-se a escuma espadanar ;
Parece longo sudario
Nas trevas a branquejar :

Ei-los em terra : — soberbo
Marcha affeito o vencedor ;
Rica prêsa , e mil captivos
Traz a seu rei e senhor.

— « Dom Affonso , Dom Affonso ,
Verdes loiros te ceifei ;
Porém , d'entre escravas tantas ,
Uma só te não darei.

Ei-la aqui : já me pertence ,
Já lhe dei meu coração ,
Que não tarda , que renegue
Das falsas leis do Coraõ :

Senhor rei Affonso Henriques,
Premio foi do vencedor:
Venci-a — foi minha c'roa
D' *Almada* a mais linda flôr.

E a moira toucou-se alegre
D'alvos *lyrios* baptismaes;
Fez-se christão: quem despreza
Do trovador ternos ais?

D'*Oriana* o meigo nome
Deo formoso archanjo ao céu;
E d' *Almada* a flôr mais linda
Ao bardo, o sancto hymineu.



VINGANÇA D'UM ARABE.



SOL arde nos céus — uma só nuvem
Naõ lh'empana o fulgôr ; ardentes raios
Chovem , cahem do ar , abrasaõ tudo
Pela vasta extensaõ do longo oceano ,
Deserto immenso d'areaes inhóspitos
Do muí famoso *Beda*. Ardem , refervem
As arêas , e as róchas ; naõ se avista
Doce abrigo de paz , ameno oásis
Na fresquidaõ de concavo arvorêdo ,
Ou d'agreste caverna : — e só , bem longe ,
Linda moça caminha , contra o peito
Estreitando o filhinho : meigo o aspecto
D'anjo formôso tem ; mas no semblante
Empastado de sangue naõ fulgura

Dos lindos olhos o fulgôr celeste. . . .
Cega e taõ joven, sem arrimo, oh bella,
Ai! onde vaes assim? Onde caminhas
Pela vasta extensaõ d'immensa arèa?

Oh! não prosigas, não: — nenhuma esp'rança
Póde vir affagar-te da existencia
Doirados sônhos, arrancar-te á morte;
Foge, foge d'aqui — bem largo o mundo
Mil asylos de paz ha-de off'recer-te
D'alegria e bonança. O teu filhinho
Naõ mates ao nascer; deixa que um dia,
Sobre a loisa da mãe, vá solitario
Dos cyprestes á sombra reclinar-se,
E banhar com seu pranto as roixas flôres,
Os goivos do sepulchro!

Pára, detem-te, oh bella! Mas. . . . escuta. . . .
Não ouves? Largo — ao largo — lá resõa
Tinir confuso d'armas, e monótono
Arruido de passos, semelhante
Ao rebramar do indómito oceano
No seu jazigo eterno. Opaca nuvem
D'arèas, que rubís no céu parecem
Ao resplendôr do sol, esvoaça ao longe,
E, como raios, scintillantes brilhão
Luzidias espadas. — Uma esp'rança,
Uma esp'rança inda tens; caminha avante;
Sorri, sorri d'alegre — mais humanos

Que os teus irmãos d' *Arabia*, oh! são por certo
Os valentes do Sena. Eia! caminha. . . .
Não temas, não: do *Egypto* os inimigos
Com sangue d'innocentes não maculão
Os loiros da victoria.

E a triste caminhou com passo incerto
Ao longo do areal; — e o tenro filho
Ora lhe beija o rosto, ora travêso
Brinca co'as longas, trémulas madeixas
Da malfadada mãe, e os olhos cobre
Co' as mãosinhas sangrentas.

Salve, dia de paz, e de resgate
Aurora bonançosa! — Ah! por mais tempo
Tu não has-de soffrer a horrivel sorte
Do barbaro destino. Anjo perdido,
Entre os vaivens do mundo, em mar d'enganos,
Pérola, que esvoaças sem destino
Por esse abysmo infindo, ah! folga alegre,
Sorri, que o anjo, da innocencia amparo,
Co' as longas azas vem cubrir-te a frente,
E, nas chagas do peito, e nas profundas
Ulceras d'alma, derramar-te amigo
Da compaixão o balsamo suave,
Diadêma do infortunio.

— « Dondê vens, innocente? Que destino
Por estes sêrros t'encaminha os passos?

Foge, salva-te, oh filha do deserto:
Busca outro rumo, mais amenos sitios. . . .
Aqui. . . além. . . mais longe, sempre a morte
Traiçoeira sorri! — Céga e sósinha
O sol nem vês, e lá no ardôr da sésta
Ha-de, n'um mar de fôgo, o sol matar-te!» —

Era a voz d'um soldado: as longas barbas
Pranto de compaixão lh'as banha agóra,
E nas batalhas, ao tinir dos ferros,
Ao troar do canhaõ, aos ais sentidos
Do companheiro exangue, nunca, nunca
De cobarde chorou!

— «Horriavel sorte

Me atormenta: . . . ai, se acaso sois piedoso
Se o meu delicto compaixão meréce, —
Matae-me sim, mas não mancheis a dextra
No sangue d'elle. . . oh não; meu triste filho
Innocentinho está. . . jurae salvar-m'o. . .
Que m'o não mate o barbaro! Mas antes
Deixae qu'inda uma vez o aperte ao seio,
Ao seio maternal. — Filho, meu filho,
Luz de meus olhos, crença de minh'alma,
Adeus! é força, é força abandonar-te. . . .
Nada te posso dar, oh! nem meu pranto,
Nem meu prantõ, ai de mim!» —

E a malfadada

Nos braços apertava o innocentinho
Com excessivo amôr, materno affago:

Em vez de pranto, lagrimas de sangue
Lh' escaldavão as faces, e a mesquinha
Em tristes orações, aos céus rogava
Melhor ventura, e sobre o lindo infante
Beijos e beijos cumulava doida!
Depois — arranco d'alma, extrêma angustia
Do peito d'homem, retalhar cruento
De vida e coração — alonga os braços
Ao protector, mas logo horrorisada
O filho esconde e foge. . . .

— « Ah! não, não posso. . . . ! »

Filho, meu filho não te deixo. . . ah! nunca! . . .
Se m'ò quereis roubar, tirae-me a vida.» —

— « Morre, sim, morre, venenosa serpe,
Mulher infame, que do opprobrio o fructo
Nos braços inda apertas; — morre, e espia
C'o torpe sangue o crime inda mais torpe. »

Ella tremeo: — estatua d'um demonio
Braços cruzados, e c'o ferro em punho
Rapido, d'entre as duras penedias,
Um mancebo surgio. D'Arabia o clima,
Inda ao nascer, no berço da innocencia,
De bronzea còr tingio-lhe o lindo rôsto.
Formoso aspecto tem; mas no semblante,
A' flôr dos olhos, lá dos seios d'alma
Selvatica alegria transparéce,

Como perfume de flôrinha occulta,
Como o brilho do sol, quando a tormenta
D'espessas sombras lh'acoberta a face!

— « Trême, trême, perjura! O teu delicto
Naõ merece perdaõ!.. ah! naõ: teu filho
Filho do crime foi. — Mõrra, naõ fique
Sobre a terra, aqui mesmo no deserto,
Onde a vida é d'angustias um martyrio,
Onde o céu, onde o chaõ vomitaõ fôgo,
Um só ente que possa recordar-me
Minha vergonha, meu cruel ciúme! » —
Disse — e dos braços da infeliz arranca
O filhinho innocente; e, furibundo,
Chammas nos olhos, o semblante em fôgo,
Sorrir do inferno nos tostados labios,
Nas crêspas róchas lh'espedaça o craneo,
E lh'o calca sorrindo!..

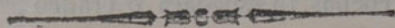
— « Ah! desgraçado

Que os olhos te arranquei, doloso monstro!
Oh! quem déra que o visses, quem pudesse
Mostrar-te o filho agora, e ver-te, alegre,
Junto dos restos seus morrer de mágoa! » —

Brande irado o punhal, e, mais ligeiro,
Que o raio d'atra nuvem despedido,
No peito da infeliz o ferro embebe. . . .

Ella cahe. . . e, no extremo arfar do seio,
Filho! meu filho! exclama.

Elle soberbo,
Exultando no crime, os olhos fita
No spectaculo atroz. . . Sorri-se alivo,
Sorri com rir medonho, e o ferro crava
No proprio seio e cahe. . . raivoso expira!



SALUQUIA.

I,



Alta a noite: — a lua magestosa
Entre milhões d'estrellas scintillando,
Como o lirio entre as rosas da campina,
Joia da criação, reflecte ao longe
O seu brilhar de seculos. — Soberbo
Lá campea, nos serros das montanhas,
Denegrido castello, qual s'eleva,
Em ermo cemiterio, d'entre as campas,
O filho do sepulchro, altivo cédro!
Salve, castello annoso! — Os teus mysterios
Cobre-os o véu da noite: ninguem sabe

Que folganças lá vão ! Tu , solitario
Gigante das montanhas , apresentas
Ao pobre viandante as altas torres ,
As cortadas ameias , similhando
Fileira immovel d'horridos phantasmas !
Em torno a ti , das serras o silencio ,
Monarcha do deserto , empunha o sceptro ;
E só — d espaço a espaço — a voz do esculca
Vae acordar os solitarios echos
Das montanhas d'além , e o vento agreste
Zumbindo nas ameias , pelo adarve ,
Pelas figas das rochas , traz á idéa
Do moribundo os lugubres gemidos . . .
Salve , gigante enorme , altivo espectro ,
Guarda da solidão , eu te saúdo !

Oh ! quantas , quantas guerras d'exterminio
Tu não viste d'aquí , rei das montanhas ,
Soberbo monumento d'outras eras !
Lanças e adagas , cotas e turbantes
Alastrarão o chão , e o turbo *Ardilla*
C o *Brenhas* confundido , em rubras ondas,
Foi de sangue banhar teus altos muros !
Tu zombaste do tempo : escarneceste
Do esforço d'homens . . . Viste , sempre immovel
Em teu erguido throno , aproximarem-se
Catapultas , balistas , que não temem
Os cédros do deserto a tempestade !
Hoje . . . dormes em paz , deitado á sombra

Da bandeira do Islam, no antigo leito
Onde outr'ora dormio *Auracilana*.
Salve, gigante enorme, altivo espectro,
Guarda da solidão, eu te saúdo!

Nos doirados salões do nobre alcáçar,
Quando a estrella do Islam jámais temera
A bandeira da Cruz — dos teus alcaides
Em pomposos saráus, e alegres festas,
D'aérea dança nas aéreas voltas,
Viste de *Moira* as mais formosas fadas,
Perdidas, engolphadas docemente
Em deleitosa nuvem de perfumes,
C'os mais valentes, mais gentís mancebos
Da seita do Islamismo. — Os teus alcaides
Nunca jámais tremerão; mas a morte
Veio ceifar seus loiros, e os destinos
Te derão, como herança, á destemida
Filha de *Buaçon* — valente moiro,
Senhor de longas terras, cuja lança
No Alem-Tejo guardava, em dez castellos,
Das meias luas o pendão soberbo!

Briosa e denodada a linda virgem
Era a joia do Islam: — pura, innocente
Quaes celestes *houris*; mais pudibunda
Que a pudibunda, nacarada rósa;
Do niveo rôsto o jaspe era mais neve
Que a linda, a branca flôr da laranjeira;

•

Tinha os labios gentís, languidos olhos,
Pallida a face, como antiga estatua
Que o tempo descórou co'as negras azas.
Era linda, era fada, archanjo, engano,
Illusão d'alma, e d'olhos: entre os crentes
Não ha mancebo algum, a quem não venção
Os feiticeiros olhos de *Saluquia*!
Ve-la nas aureas salas, doidejando,
Entre as virgens d'Allah, em doces brincos,
Era a lua no céu brilhando altiva
Entre milhões d'estrellas! Mil jguerreiros
Co'a dextra a nobre adaga lh'offerarão,
E os sanguinosos loiros da victoria.
Ella porém, nos braços da innocencia,
Sorria desdenhosa — e *livre* ainda
Na doce primavera de seus annos
Das illusões no céu vivia alegre.

Vivia. . . . mas emfim (funesta aurora
De tão infausto amôr, tão mal logrado!)
Um dia, quando o sol doirava a custo
Os altos muros do elevado alcaçar,
Ella — como se o fado a estrangesse,
Como se voz occulta lá dos seios,
Do imo do coração, lh'entrasse n'alma,
A perdê-la, a arrasta-la, foi sósinha
Divagar pelo adarve. — O sol nascia. . . .
Fagueira a viração da madrugada
Murmurava tão doce! mil florinhas

Adejvão no ar, e solitaria
Gemia, em viuvez, saudosa rôla!
— Oh! quem já teve amôr, quem não ignora
Do nascer da manhã o mago encanto,
Os mysterios d'ess'ho.a de saudade,
E de paz e tristeza, ai! bem conhece
Que desejos d'amor desperta n'alma!

Mas ella, a nobre moira, não sabia
Esse archano d'amor; — não sabem anjos
De bondade, e de paz, temer na terra
Negro fadario, desastrosa sina!
Qual á flamma da morte corre doida
Formosa borboleta, a innocentinha
Correo á perdição! Espraia os olhos,
Ao longe, pelas orlas do horisonte
D'aureas, purpureas nuvens adornado,
E sem querer, a furto, e quasi a mêdo
Dos labios lh' escapou meigo suspiro,
— Primeiro som d'amor; dentro nas veias,
No seio lhe reserve ardente sangue,
Pulsa-lhe o coração mais apressado,
E nasce-lhe *um desejo* ignoto, immenso
Como da juventude o immenso fogo,
Infinda *sêde* de prazer, e amôres!
E depois, quando á noite, solitaria
Ella via nos céus milhões d'estrellas,
Mundos, e mundos a rolar no espaço —

E, por medonhas sombras rodeadas,
Via as serras d'além — sentia n'alma,
Ignota voz, ignotos sentimentos,
Vendo, á luz do luar, tremer no rio
Diamantes aos mil — ouvindo ao longe
Do rouxinol nocturno os doces cantos,
— Froixa toada d'harmonia d'anjos
Trazida á terra por amèna brisa —
A si mesma tristonha perguntava :
— “ *E' isto amor? Este desejo incerto*
E' desejo d'amar? „ — sentio bem perto
Rumor de passos. . . . vacillou, confusa
Olhou em torno a si, e vio prostrado
Junto a seus pés, no chaõ qu'ella tri hava,
Gentil guerreiro, denodado joven,
Que em extasis d'amor, doído por ella,
Lhe veio alli dizer :

— « Formosa virgem,

Astro dos sonhos meus, fagueira esp'rança
Que me affagas a vida, ah ! tem piedade. . . .
Cordõa-te este amor tão malfadado
Que tão funda raiz me lançou n'alma !
Vi-te e logo senti nascer-me ardente,
Puro desejo da paixão mais grata
Que fruir nos é dado ! — Longo tempo
Embalde, lá d'*Aróche* nas montanhas,
Longe e bem longe divaguei sósinho,
Ensinando teu nome ás altas serras,

As crespas, elevadas penedias: —

Emvão quiz esquecer a tua imagem

Que me seguia sempre, em toda parte!

Não pude. . . . Eras a virgem qu' eu sonhara

Da vida no verdôr; eras a estrella

Que ao longe, e ha longos annos me sorria.»

E nos olhos um raio de ventura

Lhe luzio, entre nuvens de tristeza,

Entre vagas de pranto: — a linda moira

Estremeceo, córou. . . . á voz do pejo

Baixou a custo os olhos, e calada

Por largo tempo esteve, até que aos labios

Do coração as vozes lhe vierão,

Em delirio d'amor:

— « Ai ! já não posso

Por mais tempo occultar meus sentimentos,

Este amor. . . se d'amor são meus receios,

Este fogo que sinto; — se da vida

O mais doce sentir, o bem mais doce

Tem o nome d'amor, eu te idolatro. . . . »

Mais queria dizer: porém nos labios

Morrem-lhe as expressões, e o terno amante.

Louco de gôso, extasiado, a custo

Apenas crendo tão fagueira sina,

Ergue-se arrebatado, e da ventura

No cúmulo, n'um mar todo prazeres,

Alegre lhe tornou:

— «Celeste archanjo,
Virgem do meu sonhar, mais engraçada
Que as *hourís* do Propheta, oh! quanto é grato
Ouvir dos labios teus tão meigas vozes!
Ver-te córar d'amor, ouvir teu seio
Sobre o meu coração pulsar d'alegre!
Ah! falla-me outra vez, formosa dama,
Lindo aljofar do Islam, ah! falla, dize
Dize-me sim, que o teu amôr, teus mimos,
São meus — só meus — que os olhos de Saluquia
Só de mim hão-de ser; que os teus encantos,
Que a vida e coração me dás co'a dextra.»

Ella sorrio — depois, curvando a fronte,
Como a rósa ao murchar, córou de pejo
E d'enleio e d'amor. — Venceste, ó moiro,
Folga soberbo! Da innocencia o guarda
Ei-lo adejou ao céu: co'as brancas plumas
Já lhe não cobre o peito! A linda virgem
E' tua, sim: da guerra os verdes loiros
Esmaga, esmaga aos pés, que tens por c'roa
Os meigos braços de formoso archanjo,
Por ferrea cota um seio d'alabastro!

Mas basta: — que m'importão teus segredos,
Magestoso castello, aguia das serras,
Soberbo, eterno esculca do deserto?
Guarda-os silencioso, e impera altivo,
Rei das montanhas, no teu solio eterno!

II.

Saudosa a lua reflectia os raios
Pelas altas muralhas: nas ameias,
Mil gigantescas sombras debuxando,
Tremia mais e mais, doirava as pedras
Com seu froixo clarão, luz de sepulcros.
Em redor tudo trévas: só no alcáçar
Pallido fôgo brilha, esguia fresta
Avermelhando a espaços. — Que saudade,
Que mysterios d'amôr tu não conheces,
Magica luz das noites! Junto d'ella
Formosa dama de formôso rosto,
De lindos olhos, de nevadas faces,
Melancholica está: moiriscas trovas
Co' a voz d'archanjo a modular saudosa,
Mais suave, mais grata do que a brisa
Vibrando lá no espaço ignotos hymnos,
Mysteriosos sons d'harpa celeste —
E ao longe a viração, levando os carnes,
Desperta da montanha os debeis echos.

«— Onde estás, formoso moiro,
Vida do meu coração?
Onde estás, que me não matas
Minha tão negra afflicção?
Ah! corre, valente alcaide,
Destemido castellão!

Não vês? . . A noite vae alta ;
Vae linda a lua nos céus . . .
A ventura n'este alcaçar
Espalha os encantos seus !
Vem , oh forte , vem , não tardes ,
Matar os desgostos meus . . .

Aguardão-te , n'estas festas ,
Valentes netos d'Agar :
Lindas virgens islamitas
De formosura sem-par ;
Ah ! corre , valente moiro ,
Entre folias folgar !

Quero alegre , nos meus braços ,
Apertar-te ao coração ,
Lèr *amor* n'esses teus olhos ,
Matar tão negra afflicção . . .
Não tardes , valente alcaide ,
Destemido castellão ! — »

Mas *Bráfama* não vem : embalde o chama
A linda virgem , nas saudosas tróvas ,
Nos seus cantos d'amòr , d'esp'rança e gòso !
E a lua vae descendo , e a argentea face ,
Como broquel de fogo , ao longe , a some
Nas montanhas d'além ! — Moiro , não trêmas ;
Eia ! espera-te o amor , embalde o espaço
D'amantes braços separar-te busca !

Esporèa , esporèa o teu ginete. . . .

Vem cumular teus gòsos , vem , naõ tardes ,

Naõ fujas do hymineu aos doces laços —

Verdadeira ventura , unico affago

Desta existencia , pélago d'angustias ,

Deserto de martyrios , longo abysmo

De negros crimes , d'illusões mentidas !

Mas o moiro naõ vem ! — Sombra d'archanjo ,

Junto da esguia fresta , permanece

Centil a castellã : e as festas correm

Nos doirados salões , entre as columnas

D'alabastro , e marfim : prazer , delicias ,

Reverbero do céu , froixo reflexo

Das venturas d'um eden , se confundem

N'um céu d'amor , n'um mundo d'alegria.

— E tu deixas assim correr as festas ,

Passar as breves horas , que a ventura

Co' véu das illusões tornou mais breves ?

Vae , oh virgem , brilhar entre as mais damas ,

Avivar as folias , vae dar alma

A tantos , taõ briosos cavalleiros

Que a perderão ao ver-te , que o ciume

Rala e consome , que , entre mil delicias ,

Provão do inferno horrisonos tormentos.

Mas ella sempre immovel , arquejando

Os olhos crava , ao longe , lá nas serras ,

Nas altas serras , onde vio sumir-se

Despar'cer, como sonho de mancebo,
Qual fagueira visãõ da madrugada,
Pela ultima vez seu terno amante.

Oh! quem n'a visse entãõ, quem não soubesse
As torturas do amôr, o negro encanto
Da saudade cruel — quem nunca, nunca
Da existencia n'auróra, a vez primeira,
Furtivo pranto de saudosas magoas
D'alma houvesse arrancado, escarnecera
Daquella dôr immensa... angustia eterna
Como o somno da morte, a paz da campa...

Adormeceo enfim: o somno ás vezes
Vem dar alivio ás magoas do infortunio,
Consolar o infeliz, doirar-lhe os sonhos,
Celestes sonhos da existencia enlêvo!
Mas ás vezes tambem lhe traz a idéa
Tormentos esquecidos: vem pintar-lhe
Phantasticas visões, medonhas scenas
De vingança, e d'horror; quebrar-lhe o somno,
Dobrar-lhe do destino a horrivel sanha.

E ella dormia em paz: sereno o rosto
Da innocencia o pudôr aformosea...
Ao vê-la assim taõ linda adormecida
Como estatua de gelo — não dirieis
Os martyrios que tem lá dentro n'alma!

Horrorosa chymera, horrivel sôno
Veio amargar-lhe um sôpro de ventura
Que nos braços do somno a besejara,
Como a brisa da noite á flôr do prado.
Longe — bem longe — vê medonhas selvas,
Ermo deserto, verde-escuras rochas,
Em densas, negras sombras envolvidas. . . .
Em torno d'ellas serpenteando correm
Mil ribeiros de sangue, e o raio accende
Os céus, a terra, as selvas, os penhascos.
Sente o trotar de fervido ginete,
E vê luzir adagas; ouve em torno
Gritos de morte e horror. . . . e escuta ao longe
Do amante a doce voz:

— « Vamos! avante,

Meu feroso alasaõ: — corre. . . não temas. . . .
Montes e abysmos galgarás ligeiro,
Oh! filho das batalhas. . . eia! corre
Que longe — muito longe — deixei presos
Minh'alma, e coração e vida e tudo. » —

E o ginete voava, envolto em sangue,
Serras e abysmos despresando altivo;
Naõ corre tanto o raio, excede a nuvem
Levada do tufaõ ao brado horrendo:
Lá do seio da terra, surgem rapidas
Mil gigantescas sombras: naõ se escuta

Mais que o tinir do ferro contra o ferro :
Depois . . . 'silencio' e 'paz. Da lua o brilho
Vem da tormenta dissipar as trevas . . .
E mostra . . . (horrivel vista !) ensanguentado ,
Entre os trances da dôr , na extrema angustia ,
O guerreiro do Islam . . .

Ella estremece . . .

Acorda horrorisada : — e corre , e voa
Sem destino , e sósinha : as vestes rasga
As faces fêre , e despedaça as tranças ,
Chama por elle em vaõ . . . grita , e só longe
Ouve os echos da serra , similhando
Do moribundo os languidos gemidos :
E mais perto o trotar de cem cavallos ,
Confusa vozeria de mil vozes
Vem quebrar o silencio : — « *A'lerla!* o esculca
Destemido bradou — e já rangerão
Da ponte levadiça os ferreos gonzos.

III.

Vae a festa a findar : e a linda noiva ,
A pérola do Islam , a mais formosa
D'entre as filhas d'Agar , bella , innocente
Naõ vem folgar alegre , como out'róra
Folgou contente , na isempçaõ d'amores.
Cavalleiros e damas já naõ fallão
D'amorosos mysterios , verdes loiros

Ceifados nas batalhas... Quasi extiactas
Bruxuleando as lampadas crepitão
Como luz de finados!...

Mas agora

Ao romper da manhã, á luz confusa
Do saudoso, tristissimo crepusculo,
Lindos mancebos, engraçadas moiras
Chegão de longes terras, festejando
Da castellã as desejadas nupcias....

Oh! entre elles... quem sabe? talvez venha
O denodado alcaide: sempre a mente
D'esperançosos sonhos nos reveste

O facho da illusão! — Triste e sombria
A meiga noiva, já viuva agora,
Como a saudosa, timida rolinha,

Caminha solitaria, e quasi a furto,
Junto da barbacã, bem rente ao muro,
Ao abrigo das sombras aguarda-lo!

Ei-los passãõ callados, como espectros
Escapados á morte: mas entre elles
Embalde o busca, misera donzella....

Quem uma vez dormio sob o sepulchro,
Não acorda jámais do somno eterno.

Filla immovel ficou: horrivel susto
Lhe vem nas veias congelar o sangue,
Gelar-lhe o coração, gelar-lhe a vida,

Rasgar-lhe mais e mais os seios d'alma!
Ai! misera infeliz que infausta sorte

Te guardava o destino! Anjo formoso,
Alarga, alarga ao longe pelos bosques,
Pelas serras da patria, o pensamento...
Ah! vê, n'um céu d'azul, milhões d'estrellas
Com seu froixo claraõ doirando as trévas...

— Olha... Por toda a parte, dentro n'alma
Doces recordações desperta a patria...
É a patria dentro em breve hão-de roubar-t'a;
Has-de vêr baquear aos pés do extranho
O estandarte do Islam: verás de Christo
Nas ameias tremer, feral cypreste,
Arvorado o pendão, e escrava d'elles...
Escrava... ah! nunca, que no seio impresso
Bem fundo tens o amor da *liberdade!*

Mas... não ouves?... Ah! foge... lá resoão
Os brados da victoria: «*á lerta! á guerra!*
Rcine Affonso na terra; escravos d'elle
Sejão do Islam os tumidos guerreiros!», —

Infeliz, ai de ti! mal conhecias
Que entre nevados lirios dorme occulta
Venenosa serpente: — sempre alegre
Tu dormias em paz, deitada à sombra
Da bandeira do Islam, nunca temendo
Traidoras artes de sangrenta guerra!
Foge... salva-te... Escuta: horrivel grita
Lá sôa nos salões, onde reinavaõ
Doce ventura, fervidos prazeres!

Inermes, descuidados, não resistem
Os fortes d'Ismael... nem custão sangue
Ao vencedor os loiros do triumpho...
Dom *Alvaro* venceo: deo-lhe a victoria
De perfida traição sagaz astucia...
Oh! maldito o laurel, maldita a c'roa
Que o guerreiro ceifou por vil perfidia!
Recaia-lhe na frente, ardendo em brasa,
Das victimas o sangue eternamente.

Eis tudo jaz captivo: triumphante
Exulta o vencedor, lançando os ferros
Aos roixos pulsos do infeliz vencido...:

Mas *Saluquia*... essa não, que se não curva
A's plantas d'um senhor, que antes prefere
A morte á escravidão, e o sangue á viltá!
Essa... não. Ei-la corre destemida
Aos altos muros de sombria torre...
Mede, sem medo, o abysmo... ultimas vozes
Lhe vem do coração soar nos labios:
— « *Elle livre morreo, e eu morro livre!* »
Disse: e, — cruel vingança, extrema affronta
Ao vencedor soberbo — como o raio
Se arroja á terra, e cahe de rocha em rocha...
Despedaçados os sangrentos membros
Nos altos muros do elevado alcáçar
Pendentes ficão, gotejando sangue!

Morreste, ó moira! Mas roubaste os loiros
Do vencedor soberbo á nobre fronte....
Que t'importa morrer? A liberdade,
A patria não morreu também contigo?

O CANTO DO MARUJO.



MANDA barca aventureira
 Vae arfando ao som do mar :
 Barqueiro , que vae aos remes ,
 Naõ se cança de cantar ;
 — Saõ canções de seus amores
 Que ás agoas vae a narrar .

Ondas do mar , socegae-vos ,
 Da noite se estenda o véu ,
 Que é grato ao pobre marujo
 Ver as estrellas do céu !

Astros do céu, reflecti-vos
Sobre estas agoas do mar,
Que é lindo vêr, sobre as ondas,
Luzir a luz do luar!

Luz do luar, cúbre as rochas
Com teu pallido claraõ,
Que vem contigo a saudade
Cubrir o meu coraçõ:

Coraçõ, dentro no peito,
Bate contente d'amor,
Que a scismar n'ella é mais leve
O remar do remadôr:

Remador, corta ligeiro
As verdes ondas do mar,
Naõ tardes que, bem depressa,
Virá o sul a bramar:

Virá bramar, que nas praias
Já canta o triste aleyon,
E, batendo contra as rochas,
Ergue o mar medonho som:

Som do mar, naõ sôs. . . . cala
Teu monótono bramir,
Que se brames, entre sombras,
Verei os astros fugir!

Foge , com elles , a lua ,
Foge , com ella , o luar ,
Morre o amôr , morre a saudade ,
Morre ao marujo o cantar .

Mas o mar , mais irritado ,
Ergue horrisono clamôr ;
A barquinha voga errante
Do mar entregue ao furor :
— Cala o canto , e solitario
Rêma , rêma o remador .

PORTUGAL.

Sou portuguez: — não despreso
A minha terra natal;
Se agora jaz indefeso
Já foi livre Portugal.
Já foi o terror da terra,
Nas letras, na paz, na guerra,
Oh! nunca teve rival!

Oh! que não: mas negro fado
Em ferros o faz gemer!
Qu' importa? — O leão cançado
E' vergonha adormecer?
Póde dormir: mas se acorda,
Se dos brios se recorda,
Não lhe fugir é morrer!

E tenho crença, nest'alma,
Que ha de acordar o leão;
Que ha de colher nova palma
Na lucta da redempção:
Sou luso — não me retracto. . . .
Sou neto de Viriato,
D' Apimano, e Cesarão!

Sou portuguez — quanta gloria
Este nome não contem!
Diga-o d'Ourique a victoria,
De Cerneja e Sanctarem:
Hoje é servo o rei d'outr'ora!
Mas qu' importa? Vencedora
Já não foi Jerusalem?

Sou portuguez — não desprezo —
As glorias do meu paiz,
Que essas sombras inda preso
D'um Affonso, e d'um Diniz:
Não me acurvo aos pés do forte,
Antes mil vezes a morte
Do que vergar-lhe a cerviz.

Sou portuguez: d'este nome
Tenho o brio, a intrepidez,
Pois tenho fé qu'inda assome
Nossa gloria um'outra vez:
Miro-me n'antiga fama
D'um Albuquerque, d'um Gama. . . .
Como elles sou portuguez!

Zombem todos, muito embora,
Da minha terra natal,
Que as glórias que teve outr'ora,
Nunca tiverão rival:
Zombem, que eu, no captiveiro,
Préso mais que o mundo inteiro
Um só nome — PORTUGAL!

Sou português — quanta glória

Este nome não contém!

Diga-o d'outros a victoria,

De Gernia e Saccarín;

Hoje e sero o rei d'outr'ora!

Mas qu' importa? Vencedora

Já não foi Jerusalém?

Sou português

As glórias do meu país,

Que essas sombras inda preso

D'um Altonso, e d'um Diniz;

Não me seurve aos pés do loite,

Antes mil vezes a morte

Do que vergar-lhe a cerviz.

Sou português! d'este nome não se tira

Tempo o brio, a intrepidez, e a fôrça

Pois tanto se dá ainda a honra

Essa glória em outra vez se dá a honra

Alto me n'outra lamma se dá a honra

D'um Altonso, e d'um Diniz, e d'um

Como elle sou português!

VINGAR-ME-HEI.



E terno amor casta esperança
Esmagou-m'a vil traição —
Mas em troca , da vingança
Nasce a voz no coração ;
Nasce e diz-me : — « Porque temes ?
Cobarde ! porque assim gemes ?
Que t'importa o teu rival ?
Que t'importa , s'iracundo
Tens , contra injurias do mundo ,
O ferro do teu punhal ? . . . »

E oh! que tenho, pois de cégo
Meu punhal jámais perdi,
Nem quando, em louco socego,
Junto d'*ella* adormeci;
Nem então, que os meus amores,
Meus ciumes, minhas dõres,
Tudo, tudo lhe contei:
Elle vio... porém, segredo!
Se as *jurás* quebrou tão cedo,
Minhas juras cumprirei.

Foi-me falsa... Em vão! que importa
D'um *demonio* infando amor?
Se a vida jaz *quasi* morta,
Que importa mais uma dõr?
Que importa, se da vingança
Nasceo fagueira esperança
Bem funda, no coração?
Que importa arquejar exangue,
Vingando o sangue com sangue,
Uma traição com traição?

E hei-de vingar-me... D'um córte
Meus tormentos acabar:
Hei-de, entre os braços da morte,
A meus pés vê-lo expirar —
E bradar-lhe: « Vil falsario,
Dorme, sem cruz nem sudario,
Insepulto, á luz dos céus.

Dorme, dorme um somno eterno,
Que a alma lá tens no inferno,
S'alma tens. . . s'existe Deus!»

E sorrindo-me arrogante,
Hei-de calca-lo a meus pés;
Arrastrá-lo, palpitante,
Junto d'*ella* inda uma vez:
E dizer-lhe — «Com teus braços,
Vae dar-lhe meigos abraços,
Vae junto d'elle dormir!. . .
Vae, mulher, cinge-o contigo,
Te' que do final jazigo
Fria terra o vá cubrir!»

Dir-lh'o hei. . . Embora um dia
Brilhe o cutélo do algoz,
E, nas horas d'agonia,
Do remorso escute a voz!
Que m'importa? Quem se humilha,
No *cadafalso*, se brilha
Inda, a seus pés, um punhal?
Se o *lemma* do condemnado
Foi, sobre a campa, traçado
C'o sangue do seu rival?

Porto 29 de Dezembro de 1848.

O TEU NOME.



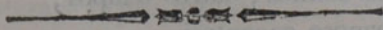
SOBRE as praias do mar, na lisa areia,
Em extasis d'amor, gravei teu nome:
Bem fundas letras fiz. . . porém bramando
Uma onda lá vem, outra e mais outra. . . .
Teu nome desaparece!

Gravei-o n'um cypreste, junto ás campas,
Lá no adro d'aldèa: o sul rebrame
Pela encosta das serras, e derruba,
Em feros turbilhões, o tronco annooso,
O gigante da morte!

Em duras penhas fui grava-lo um dia,
Fundo, bem fundo, atravessando as rochas. . . .
Porém toldão-se os céus, fulgura o raio,
Estende-se o trovão, e, n'um momento,
E' seixos o penhasco!

Insensato o gravei, no sacro templo,
Nos lavrados do altar:—julguei que sempre
Alli ficára intacto. . . da impiedade
A mão cruenta, derrubando as naves,
Sumio-m'o nas ruinas.

Gravei-o então, na dôr, no desespero,
Dentro no coração, nos seios d'alma,
Fundo, bem fundo, a traspassar-m'os todos. . . .
Alli ficará sempre — alli teu nome
Terá a eternidade.



Em d'ous p'ntas fui gravado um dia,
Fundo, bem fundo, atravessando as rochas...
Porém tolhão-se os céus, fulgura o rio,
Estende-se o trovão, e, n'um momento,
E' seizes o pensamento!

LEMBRANÇAS.

Instituto o gravei, no s'culo seguinte,
Nos livros do dia, que sempre
Alli ficam intactos... da realidade
A mão cruenta, derrubando as bases,
Sua mão n'as ruínas

Gravei o então, na dor, no desespero,
Heure no coração, nas seizes d'alma,



DA' amei — já dentro n'alma

Senti as chammas do amor;

Senti d'amor os ciumes,

Do ciume a negra dôr:

Já na terra, em meigo enlevo,

Sonhos d'engano sonhei;

Em meus sonhos, outros tempos,

Anjo formoso encontrei....

Era estatua d'alabastro,

Tinha os olhos d'esmeril;

Cahião-lhe as negras tranças

Sobre o collo tão gentil!

Tinha os labios nacarados,
Tinha a face de setim,
Tinha, no jaspe do rosto,
Da rosa o vivo carmin:

E tinha, dentro no seio,
Liso, ingenuo coração —
De su'alma os sentimentos
Erão dos meus o condão.

Se dôce, terno sorriso
Agitava es labios seus,
Meigo sorriso sereno
Vinha adejar entre os meus:

Se um requebro de seus olhos
Adoçava o meu pesar,
Com dôce olhar namorado
Lhe pagava um terno olhar:

Se via, nos olhos d'ella,
Uma lagrima luzir,
Da tristeza o denso manto
Vinha meu rosto cubrir:

Se tristonha hia sósinha
Embrenhar-se na soidão,
Eu, a sós, lá no deserto,
Curtia minha afflicção.

Se rainha , entre as mais damas ,
Airosa a via folgar ,
Na confusão , entre as danças ,
Hia contente walsar ! . . .

Era a virgem dos meus sonhos ,
Meu encanto , meu amor ,
Minha crença e céus e vida ,
Da minha vida o fulgor .

Mas deixei-a . . . e bem distante
Do *Mondego* divaguei :
A' luz das noites , sósinho
Longo d'*ella* suspirei .

Suspirei , bem longos dias ,
Lá no meu berço natal ;
Mas seguio-me de continuo
Sua imagem divinal .

Vi-a nas trevas da noite ,
Vi-a do dia ao fulgor —
Nos meus sonhos de poeta ,
Na idade pura do amor !

.

Oh ! quantas vezes , nas praias ,
Dizei , estrellas , dizei ,
Ao soidoso astro das trevas
Minhas magoas não contei !

Dizei-o, conchas da praia,
Dizei-o, rochas do mar,
Quantas vezes, longe d'*ella*,
Vós me não vistes chorar!

Quantas vezes, pensativo,
No centro d'ermos pinhaes,
Não fui á brisa das noites,
Espalhar sentidos ais!

Mas de novo pelas margens
Do *Mondego*, eu vim folgar;
Novos sonhos, mais suaves,
Nos braços d'*ella* sonhar!

Oh! que viver d'innocência
Foi então o viver meu!
Forão meus gosos na terra
Gosos sómente do céu.

Fui ditoso. . . agora apenas
Sinto a lembrança do amor,
Dessa lembrança a saudade,
Da saudade a negra dôr,

Coimbra 31 d'Outubro de 1848.

A TEMPESTADE.



E á voz das rajadas
Rebombas, ó mar, que
Por horas caladas
Da noite sombria,
D'acerba agonia
Que meigo é chorar!
A lua saudosa
Não brilha no céu;
Co'a luz duvidosa
No cimo das vagas,
Nas praias, nas fragas
Não deixa aureo véu!

Oh! quanto são gratos
Do horror os signaes!
— A voz dos regatos,
Os ramos já seccos
Rugindo, e dos echos
Os languidos ais!

Que gélido espanto
Não causa á soidão,
Dos ventos o canto,
Das nuvens o abalo,
Dos raios o estalo,
Dos céus o trovão!

E eu amo a tormenta,
È o raio dos céus,
È o mar que rebenta,
E o vento que brama,
E o brado que exclama:
— *a Salvae nos, oh Deus!* —

Então mais se acalma,
O fogo do amor,
Que eu sinto n'est'alma,
Do seio no centro,
Qu' eu sinto cá dentro
Mais *gélido* horror!


S. João da Foz 23 d'Agosto 1848.

— 33 —

Oh! quanto são felizes
Do horror os sinais!
— A voz dos regatos,
Os raios de serenos
Resumido, e dos ecos
Os languidos aiel!

A DESPEDIDA.

Que regido espanto
Não causa o soldão,
Por ventos o câmbio
Das nuvens o abalo,
Dos raios o estalo,
Dos versos o trovão!

ou deixar-te; adeus! . . . a hora
Da *partida*, ei-la soou!
Ai de mim! deixar-te agora
Quem a alma t'entregou. . . .
Mas é tempo, sim, e a morte
Virá *vingar-me* da sorte
Que os teus mimos me roubou.

Vou deixar-te, e, nos meus braços,
Apertar-te ao coração;
Assim. . . mais, qu'estes abraços
P'ra mim os ultimos são. . . .
Chóros, beijos, tudo é fogo,
Que d'alma surge! . . . mas logo
Ha-de apagar-se o volcão.

Palpita , arqueja teu seio
Mais nevado que o jasmim ;
Ah ! . . . celeste , estranho enleio
Parece *ligar-te* a mim !
Mas esta hora , este dia ,
Fste instante d'agonia ,
Vem separar-nos alfim !

Adeus pois ! extingue , cala
Dentro no peito esse amôr :
Oh ! não chores , que m'estala
O peito com tanta dôr !
E' forçoso . . . adeus . . . esquece
O teu bardo , qu'endoudece
Dos eiunes c'ô amargôr :

Fomos ditosos :— a vida
Já nos sorrio tão feliz ! . . .
Mas hoje . . . não ; desabrida ,
Negra sorte assim o quiz :
Vou pois deixar-te ! . . . Perdê-la
E' força :— que mal fez *ella* ,
Sancto Deus ! que mal te fiz ?

Mas olha , Amelia , repara ,
Lá brilha a lua no céu . . .
E não tarda , que d'avara

Nos occulte o brilho seu :
Eis alli da vida a imagem ;
Depois da paz , a voragem
Foi este o destino meu !

Vaes ser d'outro Acerbo fado
Me roubou teu coração

A grinalda do noivado

Ha-de pôr-t'a estranha mão.

Porem tu , anjo d'amôres ,

Junta uma saudade ás flôres ,

Uma perpetua, . . . mas não !

Oh ! não antes , a despeito

De teu sordido senhôr ,

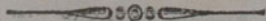
Ao sepulchro , ao frio leito

Que me dá teu casto amôr ,

Vae , dos salões , ó rainha ,

Vae dizer-me alli sósinha :

— « Eu te adôro , trovador ! »




— 69 —

Porão nunca foi na terra
Nem poeta, nem pintor,
Nem tanto o soberbo escultor.
De mim soberbo escultor.

Mas enfim . . . se tu consente
Se me deixas retratar-te,
Ainda cá . . . coisa prouto
Nos meus olhos retratar-te.

Coimbra 1848

UM RETRATO.

NJO, mulher — quem podera

Teus encantos retratar?

Quem legara aos séc'los todos

Tua belleza sem-par?

Legara-a eu, tendo as tintas

Do *divino* Raphael —

A dôce lyra do Tasso,

De Phidias mago cinzel?

Porem nunca fui na terra
Nem poeta, nem pintor,
Nem tenho o soberbo scopro
De mui soberbo esculptor.

Mas enfim. . . se tu consentes. . .
Se me deixas abraçar-te,
Anda cá. . . então prometto
Nos *meus olhos* retratar-te.

Coimbra 1849.

OH! **MEU SEPULCHRO,**



UANDO o archanjo da morte
Vier meus olhos cerrar,
E, co'as negras, negras azas,
Minhas faces açoitar—
Cavae então *meu sepulchro*
Lá n'um penhasco do mar:

Encerre um véu de mysterio
Fssa rocha sepulchral:
Sobre ella, não reine altivo
Da morte nenhum signal;
Nem alli levem os echos
Da vida um som festival.

Sobre o penhasco , entre o musgo ,
Não quero pobre inscripção ;
Não quero que alli , sósinha
Campeie a cruz do Christão :
Nem que a lampada dos mortos
Verta alli roixo clarão !

Oh ! que não — quero , em silencio ,
Entre as vagas repousar . . .
Em vez da luz do cruzeiro ,
Quero da lua o luar —
Em vez das rézas do mundo ,
Das ondas o rebombar .

Quero o musgo , em vez de *lemma* ,
Sobre o penhasco , a florir ;
Antes o quero ; não podem ,
Ao vê-lo , os homens sorrir :
Antes o quero — d'escarneo
Impios ! não lh'hão de cuspir !

Em vez d'erguido cruzeiro
Arvorado entre escarcéus ,
Cinjam-n'o , á voz da tormenta ,
As navens , como trophéus ,
Como eterno monumento
Da omnipotencia de Deus :

E ás noites o meu espectro,
Quando em silencio vagar,
Quando, aos braços descarnados,
A caveira recostar —
Veja impressa a *liberdade*
Na face immensa do mar.

Coimbra 12 de Maio de 1849.

CHRISTOVÃO COLOMBO

COLOMBO ! a tua ousadia
Fez-te ser mais do que um Deus ;
Foste a estrella que alumia
Novos astros , novos céus :
Do mar no abysmo profundo ,
Divagando vagabundo ,
Feste o *heróe* do Novo Mundo ,
Foste o rei dos escarcéus.

Fra a terra asylo estreito
A teu vasto coração ;
Tu procuras satisfeito
Das agoas a immensidão :
Em furor o mar rebenta ,
Ronca horrivel a tormenta ,
Susta o mundo , e não sustenta
Os teus vòs d'ambição.

Rei das agoas, destemido
Sorriste ás fúrias do mar,
Das tormentas ao bramido
Dos raios ao fuzilar:
A *maruja* vacillante
Desanima; e tu, constante,
Foste a palmeira gigante,
Foste o cedro secular.

Bate o mar d'encontro ás fragoas,
Não brilha um astro no céu! . . .
Na soidão das vastas agoas
Vês immenso mausoleu!
Cançado da longa esp'rança,
Viste o genio da matança
Contra ti bradar: *Vingança!* . . .
Foste então julgado réu.

Mas emfim d'aurea alegria
Surgio doirado arrebol;
Novo sol de novo dia,
Nova luz de novo sol:
Colombo! a luz, que crepita,
Que ardentes chammas vomita
Na cerração infinita,
D'um novo mundo é pharol!


Venceste ! . . . Heroe do passado ;
Tu foste mais do que um Deus ;
Que nos deste , denodado ,
Novos astros , novos céus —
Que , gigante vagabundo ,
Tu domaste o mar profundo ,
Arrancando o *Novo Mundo* ,
Do seio dos escarceus .

Coimbra — 1849.

Bate o mar d'encontro ás freguezas
Não brilha um astro no céu . . .
Nas soções das vastas agoras
Vés immenso mansolent
Cancado da longa esp'rança
Viste o genio da natureza
Conta o drama
Foste então julgado teu
Fas emfim d'aures sigtas
Surgio doirado ardebol
Novo sol de novo dia
Nova luz de novo sol
Colombo ! a luz , que crepita
Que ardeutes chamaes
Na certação infante
D'um novo mundo é phant

— Cavalleiro, vae na guerra,
 Vae por ella batalhar;
 Que é dever de cavalleiro
 Por sua dama lutar;
 Seus olhos, — os olhos d'ella —
 Na lida (há-de ajudar).

— Das-me as fôrças recendo,
 Das-me o fôrça morrido;
 Com a cor d'ago lida,
 Enche-me o coração;
 Das-me a lança, das-me a espada, em a lida,
 Prepare meu braço de lida;
 — Cavalleiro, corre á lida,

— “  AVALLEIRO, corre á lida,
 Vae na lida combater;
 Ha quem desprese seus olhos,
 Quem deteste o seu poder....
 Cavalleiro, quem tal pensa
 Oh! que não deve viver!

— « Oh! maldito o que se atreve
 A desprezar seu valor:
 Vou punir-lhe o sacrilegio
 Como dextro lidador;
 Chama-me o rancor da affronta,
 Chama-me o fogo do amor.

— « Cavalleiro, vae na arena,
Vae *por ella* batalhar :
Que é dever de cavalleiro
Por sua dama lidar ;
Seus olhos, — os olhos *d'ella* —
Na lide t'hão-de ajudar.

— « Dae-me as grévas, dae-me o escudo ,
Dae-me o ferreo morrião :
Com a cota d' aço fino
Estreitae-me o coração ;
Dae-me a lança , dae-me a espada ,
Preparae meu alazão !

— « Cavalleiro , corre á lide ,
Vae na liça combater ;
Ha quem desprese *seus olhos*
Quem deteste o seu poder. . . .
Cavalleiro , quem tal pensa
Oh ! que não deve viver !

II.

Meu ginete das batalhas ,
Corre , corre sem parar ;
Errica as crinas ao vento
Vem comigo a batalhar :
Corre , vòa : — montes , serras
Traz de nós vemos voar !

— « Cavalleiro, cavalleiro, não deixas a tua
Assim me deixas cruel?
Despe o saio, os braceletes,
Deixa a cota, e teu broquel.
Já não ha perros d'Hespanha,
Não ha netos d'Ismael.

— « Ah! *Maria*, por teus olhos
Eu sou forte campeão;
Teus olhos, que me vencerão,
Todo o mundo venceraõ:
Tenho-os *por mim*: lá na liça
Teus olhos por mim serão.

— « Cavalleiro, em crua lide
Tu vaes por mim combater?
Oh! não vás, que n'essa lucta
Podes na liça morrer.
Não pensas que é necessario
Que vivas para eu viver?

— « Eu penso nos teus agradõs,
No teu ros'õ de marfim,
Nas tuas madeixas d'oiro,
Nos teus labios de carmim;
Penso em ti, e d'improviso
Novas forças sinto em mim! »

Tu, ó donzella formosa,
Protege o teu lidador ;
Dá-lhe força n-un sorriso,
N-un olhar dá-lhe valor :
Como premio da victoria
Dá-lhe protestos d'amor !

— « Não me deixes, cavalleiro,
Não me vás abandonar.
Qu'eu não possa, de medrosa,
Teu ginete segurar !
Mas se foges, (desgraçada !)
Se me foges, vou chorar.

— « Adeus ! adeus, oh donzella !
Novos loiros te darei ;
Enxuga os olhos formosos,
Que vencedor voltarei :
Tua belleza ultrajada,
Gentil dama, eu vingarei !

Meu ginete das batalhas,
Corre, corre sem parar :
Erriça as crinas ao vento,
Vem comigo batalhar :
Corre vòã : montes, serras
Traz de nós vemos voar !

III.

— « Quem é, quem é que se atreve

Seus olhos a desprezar ?

Corra á liça, que, cobarde !

Na terra o verei rojar. . . .

De joelhos, desarmado,

Compaixão ha-de bradar !

— « Eia ! vamos ! cavalleiro,

Chama á liça o teu corcel ;

Desce a viseira do elmo,

Cobre o peito c'o broquel ;

Aos olhos da tua dama

Eu por mim, eu, sou revel.

— « Esporea o teu ginete,

Vem, sem medo, pelejar :

Com a lança d' aço fino

Vem teus golpes fulminar ;

Com teu escudo de ferro

Vem meus botes sustentar :

— « Com minha ferrenha cota

Não defendo o coração.

O broquel ei-lo por terra,

As manoplas n-esse chão ;

Até levanto a viscira,

Té arranco o morrião !

— « Oh ! meu Deus ! eis-me vencido :
Contra *ti* não sei lidar :
Mulher ! mulher ! por piedade
Não me faças perjurar ;
Tu venceste ; mas agora
Sabe também perdoar. »

Contra o fogo dos teus olhos
Quaes armas podéra oppôr ?
Eu confiava nos *d'ella*,
Nos olhos do meu amor,
Mas teus olhos *vencem tudo*
Com seu magico fulgor !

— « Cavalleiro, quem se atreve
Meus olhos a despresar,
Correndo á liça, cobarde,
A meus pés se vem rojar :
De joelhos, desarmado,
Piedade vem bradar !

IV.

— « Meu ginete, vamos ! corre,
Corre sempre a bom correr,
Que teu senhor já vencido
Longe daqui quer morrer :
As mágoas do captiveiro
Quer longe d'aqui soffrer !

— « Cavalleiro, espera, espera;
Os meus loiros onde estão?
Em paga do meu soccorro,
Dá-m'os, dá-m'os, campeão!
Fortaleci com meus olhos
Teu braço, teu coração. . . . »

— « Oh! que mentes: fui vencido
N-esta lucta succumbí:
Esquecerão-me teus olhos,
Mal os olhos d'*ella* vi:
Sem lutar, como um cobarde,
A seus olhos me rendí! »

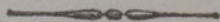
Tu tens agrados. . . mas *ella*,
Oh! tem agrados sem fim:
Se tens de carmin os labios,
Seus labios são de rubim;
Se é de marfim teu semblante,
O d'*ella* é d'alvo setim:

Sabem seus olhos tão lindos
Penetrar no coração:
Matar n-um doce requebro,
N-um sorriso d'affeição. . . .
Os teus olhos *nada sabem*,
Teus olhos só lindos são!

Adeus, donzella formosa,
Vae procurar novo amor:
Esquece os meus juramentos,
Deixa o pobre lidador,
Que ficou escravo della,
Que te foi. . . . te foi traidor!

— Meu ginete, vamos! corre,
Corre sempre a bom correr,
Que teu senhor já vencido,
Longe d'aqui quer morrer!
As mágoas do captivo
Quer longe d'aqui soffrer.

Porto 13 de Fevereiro de 1848.



Nas caçadas, óculos empurrou
Foste as lebras procurando
Guardaste as minhas mãos
Por essas praças de luz
Hoje triste, solitário
Vens teu senhor abandonar

O MEU LEBRÉU.

Quando amei...
Foi amor uma tração
Aventei um desejo
Belibon-se o coração
Lagrima! deixo-me
Mas não tu, meu lebréu



ANDA cá, fiel rafeiro,
Vem consolar teu senhor,
Rasgados os seios d'alma,
Só lhe resta o teu amor —
Meu lebréu, tu n'este mundo,
Nunca me serás traidor!

Paris 23 Abril de 1848.

Pobre alão, como n'outr'ora
Nas caçadas te criei!
Minhas magoas te narrava,
Meu amor te confiei...
Tudo me trahiu na terra,
E só contigo me achei!

Nas caçadas, outros tempos,
Foste as lebres procurar;
Guardaste as minhas manadas,
Por essas praias do mar —
Hoje triste, solitario
Vens teu senhor affagar!

Quando ameí. . . . (cruel lembrança!)
Foi amor uma traição!
Aviventei um desejo,
Definhou-se o coração —
Ingrata! deixou-me um dia. . . .
Mas não tu, meu pobre alão!

Quantas vezes me entregaste
Doces mensagens d'amor!
Quantas vezes tu lhe deste
Bilhetes do teu senhor —
Trahiu-me, e tu bondadoso,
Mitigaste a minha dôr!

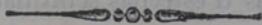
Tive amigos, n'outras eras,
Julguei-os um dom do céu;
Um e um fugirão todos,
E só de ama-los fui réu —
Hoje pobre, abandonado
Só me resta o meu lebréu,

Oh ! quanto amei, desgraçado !
As folias d'um festim,
Ledas danças, almos jogos,
Doces folguedos sem fim !
Illusões, já não me illudem. . . .
Meu alão, tem dó de mim !

A meus pés vem enroscar-te,
Meu pobre alão tão fiel,
Vem affagar minhas mágoas,
O meu tormento cruel —
Vem adoçar, com teus mimos,
D'atra dôr amargo fel :

E quando alfim o sepulchro
Te roubar o meu amor,
Deitado aos pés do cruzeiro,
Vae carpir a tua dôr :
Guarda então, no chão da morte,
As cinzas do teu senhor.

Porto 23 d'Abril de 1848.



A' LUA.

(Ao meu amigo Manoel José da Silva Rosa, Junior.)

POR entre espessas nuvens, solitaria
Surge a lua nos céus, pallido brilho
Espalhando d'além sobre as montanhas,
As côpas prateando dos salgueiros,
Doirando as negras, erriçadas rochas,
Espargindo rubís ao lume d'agoa
Com seus tremulos raios.

Rainha da soidão, quanto és saudosa!
Quanto é grato o teu brilho melancolico
Ver-te espelhar na immensidão dos mares!
Quanto és linda a luzir em céus de trevas,
Entre nuvens d'estrellas seintillantes,
Candida lua — imagem da saudade —
Ermo pharol das noites!

Eu amo-te. . . eu adoro os teus mysterios,
A tua face, o teu fulgôr, teus raios,
Ou tu brilhes sem véus, ou entre nuvens,
Qual vergonhosa amante, a face occultes,
Em terno arrufo, passageiro, e breve ;
Ou, com pallido brilho, tu retrates
Mil phantasticas sombras.

Rainha da soidão, ah ! quantas vezes,
Nas tristes horas d'horrido silencio,
Fui chorando narrar-te minhas magoas,
Quando a brisa das noites, perfumada
Com a doce fragancia das violetas,
Nas azas te levava os meus queixumes,
Minhas ternas endeixas.

Quando a brincar, em grato desafôgo,
Doces cantos d'amôr ia ensinando
A's margens do Mondego ; — e ao rez das agoas
Em mesquinho batel boiava ás noites,
E vibrando da lyra as froixas cordas,
Da vida no verdor cantava alegre
Lindos, saudosos carmes.

Quando nos salgueirae, entre perfumes,
Entre as tremulas folhas, escondido
La dos rouxinoes ouvir os cantos,

E ver, a esvoaçar por entre as flôres,
Nuvens doiradas de gentís insectos,
E prostrado no chão, gravar na terra,
Um nome — uma saudade.

Mas hoje. . . tão distante e solitario,
Vagando assim por entre alpestres rochas,
Sozinho, como o genio do deserto,
Venho acordar o echo das montanhas,
Chamar por *ella* — e suspirar saudoso,
Como, na viuvez, saudosa rôla
Suspira entre a floresta!

Pallida lua — imagem da tristeza —
Como tu, quem podera eternamente,
Suspenso lá dos céus, ver como um *ponto*
O globo immenso a reluzir no espaço! . . .
Quem visse o mar, a terra, o céu e tudo,
Como tu — no teu manto de saphira —
Candelabro de fogo!

Quem visse as lindas, as viçosas margens
Do limpido Mondego, e as suas agoas
Ranhando as verdes ramas dos salgueiros!
Quem visse as suas grutas d'esmeralda,
Da laranjeira o tão suave arôma
Quem pudesse aspirar, per lindas noites,
Ao longo d'essas praias!

Quem na fonte d'Ignez, junto dos cedros,
Ouvindo o susurrar das froixas agoas
Por entre as negras rochas, cobrejando,
Te pudesse inda vêr, celeste archanjo,
E nos labios de nacar, tão formosos,
N'um longo beijo protestar-te alegre
Casta, doce ternura!

Lua! lua! qu'inveja te não tenho!
Tu, com teus debeis raios, vaes travessa
Innundar-lhe de luz o niveo rosto,
As negras transas, as singelas roupas...
Tu vaes... e eu desterrado, e longe d'*ella*,
Não posso ao menos, em suave enleio,
Contempla-la orgulhoso!

Lua! lua! onde está? — dize-me, oh bella,
Que é da virgem celeste dos meus sonhos?
Cerrou-lhe o somno os melindrosos olhos,
Ou saudosa também, entre gemidos,
Te pergunta por mim, astro das noites,
E m'envia, banhada em triste pranto,
Terníssima saudade?

Lua! lua! que é d'*ella* — Acaso, ás noites,
Vae sosinha vagando, junto ao rio,
Revelar seu amôr ás duras rochas,

Aos verdes salgueiraes, ás claras agoas,
A's estrellas do céu, á doce brisa,
Ou vae gravar na praia, entre seixinhos,
Meu nome, em fundas letras?

Lua! lua! qu'inveja te não tenho!
Astro dos namorados, quem podesse,
Como tu — a brilhar no anil do espaço —
Vê-la, estatua gentil de lindo archanjo,
E mandar-lhe, nas azas da saudade,
Ternas recordações, meigas lembranças
De gosos, e d'amores?

Mas se nem posso agora recordar-lhe
Doces venturas que gosamos juntos
Tão ditosos então, n'esses momentos,
N'esse éden de delicias, hoje ao menos
Vae, oh pallida lua, com teus raios,
Em magos traços, em saudosas formas,
Pintar-lhe a *minha imagem*.

Porto 3 de Setembro de 1848.

A POMBA DO DESERTO.

(No album do Illm.º Sur. Claudino P. de Faria.)



QESTA pomba do deserto,
Vem ser minha mensageira ;
Quero mandar-te a *Maria*,
A *Maria*, a feiteiceira :

Vae pois pousar-lhe no collo,
Linda, fagueira avesinha,
E batendo as niveas azas,
Conta-lhe a mensagem minha :

Dize-lhe que dado ás penas,
Aos martyrios, á saudade,
Vou curtindo acerbas mágoas
Da vida na soledade.

Porem a minha mensagem
Como podes expressá-la?
Vou ensinar-te, avessinha,
A declarar--lh'a sem falla :

Para narrar-lhe a *saudade*,
Da *saudade* dá-lhe a flôr —
E, no gemer de teus *cantos*,
Lhe dirás : « *do teu cantor*, »

Para exprimir meus tormentos,
Minha dôr, minha agonia —
Desperdiça algumas penas
No regaço de *Maria*.



Qu'entre horribles tentatives
Astro d'espérance relux !
Hors o-Tibre ondas de sangue
Hole-as sim : — também exangue
O martyr lúgio a Cruz

ROMA.

Roma, ás armas ! e a victoria
C'rou os filhos tuos ;
Fante prozas de gloria
Lhas dará novos trophos :

ROMA, não ouves... Escuta !
Lá trôa a voz do canhão ;
Desceo sobre tí, na lucta,
O anjo da assolação...
Mas não tremas : se os teus bravos
Arrastrão ferros d'escravos,
Cospem na face do algôz :
Romanos, eia, ao combate,
Qu'inda a aurora do resgate
Ha-de raiar para vós !

Eia, á guerra ! — o Capitolio
Dê ao mundo novas leis ;
Esmagae, dae-lhe por solio
Sceptros, e c'roas, e reis :
Conquistae a liberdade,

Foste vencida? . . . Os tyrannos

Escarnecerão de ti?

Qu'importa? Contra *romanos*

Quem ha que peleje ahi?

Erga-se embora Carthago. . . .

Fulmine-te a morte, o estrago,

De *Cannas* funesto sol —

Fulmine embora : distante

Em *Zama* luz scintillante

D'esperança aureo arrebol :

Venceste então : esmagada

Ella — a senhora do mar,

Baqueou, vio abysmada

Sua grandeza sem-par !

E tu sorriste ; d'altiva

Sorri-te de novo, e aviva

Nos filhos o patrio amôr :

Vencerás, que não tens erros. . . .

Livra-te, escrava. . . . e co'os ferros

Roma, esmaga o teu senhor !

Porto 21 de Julho de 1849.



Qu'entre horrivel tempestade
Astro d'esp'rança reluz !
Rola o Tibre ondas de sangue?
Role-as sim : — tambem exangue
O *martyr* tingio a Cruz.

Roma, ás armas ! e a victoria
C'roará os filhos teus ;
Entre proezas de gloria,
Lhes dará novos trophéus :
Não tremas : se escrava a França,
Depois d'hórrida matança,
Te lançou ferreos grilhões —
Não tremas . . . sorri, princeza ;
Verás, em tua defeza,
Crescer novas legiões.

Ergue-te, oh forte ! Irritada
Olha a sombra de Catão,
Sobre ti co'a vista irada,
Quasi a bradar : *maldição !*
Não vês ? . . . Na dextra sangrenta,
Marco Bruto te apresenta
Tinto de sangue o punhal . . .
Roma, ás armas ! eia, á guerra !
— « *Liberdade em toda a terra* » —
Seja a crença universal.

— 87 —

Foste vencida? . . . O grande
Fascinação de ti? . . .
Qu'importa? Contra-teu
Quem ha que peje abis
Figa-se embora Carthago
Famine-te a morte o estrago
De Covas fustes sol —

O PENSAMENTO DA MULHER,

Em zana lux acinillante
D'esperança suco ardeol:
Venciste então: esmarcha
Ella — a senhora do mar,
Baqueon, rio alvada
Sua grandeza sem-parti
E tu sorri
Sorte de novo,
Nos filhos o parto
Vencês, que não
Livra-te, esciva
Roma, camga o teu

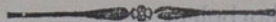
MULHER, ai! que és inconstante
Como o sôpro do tufão!
Cada volvêr de teus ollios
Presagia uma traição. . . .
Ao voar dos teus cabellos
Vae-te prêzo o coração:

Tu és como a borboleta
Que, adejando no rosal,
Namora todas as flôres,
E a todas é desleal —
E's como a fôlha que arrastra
Sem cessar o vendaval.

Como o brilho das estrellas
E' *constante* o teu amôr —
Como a vaga d'esses mares
Ora em paz, ora em furôr :
Como o vulcão que ora dorme,
Ora ergue hórrido clamôr !

Como a linda mariposa,
Quaes astros do firmamento,
Como a fôlha, como as vagas,
Como o vulcão, como o vento,
E' volúvel, inconstante
Teu ligeiro pensamento. . . .

Porto — 1848.




— 89 —

Como o brilho das estrelas
E' constante o teu amor —
Como a vaga d'asas naves
Ora em paz, ora em lucto;
Como o vulcão que ora dorme
Ora ergue horrível clamor!

Como a linda mariposa,
Quaes s'asas de finas plumas
Como a folha, como as vagas,
Como o vulcão, como o vento,
E' volutél, inconstante
Ten ligeiro pensamento.

Porto — 1818.

A BORBOLETA E A MULHER.

m torno á roixa violeta,
Sobre os juncos do paul,
Vae adejando inquieta,
Matisada borboleta
Com suas azas d'azul:
Agora, com brando affago,
Amima as agoas do lago
Toda orgulhosa, e taful;
Logo, junto ao sol t'õ mago,
Vae leva-la o vento sul.

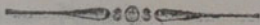
A's vezes mais melindrosa
Poisando na linda flôr,
Lá s'esconde de medrosa,
Qual a virgem vergonhosa
Ouvindo fallas d'amor:
Ora nos prados distantes,
Com as azasambeantes,
Vae sumir-se no verdor. . . .
E, nos carmes susurrantes,
Envia um hymno ao Senhor.

Agora, menos modesta,
Procura os raios do sol. . . .
Fugindo ao calor da sesta,
Lá no centro da floresta,
Vae ouvir o rouxinal;
Depois, mais triste e sombria,
Em doce melancholia,
Repoisa no girasol,
Té que, dispontando o dia,
Brilhe do dia o pharol.

E' noite: — junto da ermida
Alveja rasteira cruz,
E da pedra denegrada
Froixa luz amortecida
Alli suspensa transluz:

Nescia já d'amor doudeja,
Em torno da cruz adeja. . . .
Fatal fulgôr a seduz ;
Corre, chega, treme, arqueja. . . .
Morre abrasada na luz!

Mulher ! também, na existencia
Te seduz lume traidor !
Deixas a doce innocencia
Por fementida apparencia,
Por um *nada* enganadôr ;
Tambem te chama um luzeiro
Aureo, lindo, feiticeiro,
E abraza-te o seu fulgor !
Esse fôgo traiçoeiro,
Mulher ! mulher ! é o amor.



— 94 —

A LUZ DA NOITE.



Luzinha — como és bella
A luzir n'esse pinhal !
Luzes, como luz, nas praias,
O solitario fanal :
Como o fogo que guardava
Casta, formosa vestal !

Luzes, luzes solitaria
Cem tão pallido clarão,
Que avivas o fogo d'alma,
Que accendes o coração :
— Assim tão meiga a sorrir-te,
Que farás na solidão ?

Por entre esse mar de trevas,
Tu fallas d'amor a alguem?
Guias tibia o namorado
Lá pelos serros d'alem?
Ou fallas d'amor á dama,
Dás-lhe *novas* do seu bem?

Junto a ti meiga donzella,
Derrama prantos de dor?
Lê d'amor doces cartinhas,
Ao clarão do teu fulgor?
Meiga luz — os teus mysterios,
Serão mysterios d'amor?

Ou tu brilhas, por ventura,
No sanctuario de Deus,
Em torno da cruz sagrada
Espargindo os raios teus?
Oh luzinha — os teus archanos,
Serão archanos dos céus?

De bella *moira* encantada
Te accendeo a casta mão,
Para que encantés minh'alma,
Captives meu coração?
Oh luzinha — os teus segredos
Serão d'incanto, serão!

E's formosa como a estrella
Por alta noite a luzir,
Qual do ether pendurado,
Um globo d'oiro d'Ophir.
Oh! mas não; — esse teu brilho
E' mais formoso a fulgir.

Tu brilhas, como o brilhante
Entre as areias do mar;
Como brilha o pyrilampo
Lá nos prados a folgar.
Oh! mas não: tu és mais bella,
Esse teu brilho é sem-par.

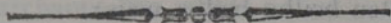
Qual da góndola o *luzeiro*
De Veneza nos canaes,
Tu reinas, doce luzinha,
A brilhar n'esses pinhaes. . . .
Oh! mas não, que és mais formosa,
Que o teu brilho brilha mais:

E's talvez como esse fôgo
Que n'alma desceu dos céus,
Como a chamma que rodeia,
O throno immenso de Deus —
E's como o *estro* do bardo
Cantando os mysterios seus. . . .

Oh luzinha! esse teu fogo
Falla tanto ao coração! . . .
E's, oh luz, tão expressiva,
Brilhando na solidão!
— Oh! tu retratas o mundo,
Retratas a criação.

Fez-te um *desejo* do homem,
Lindo pharol brilhador;
O mundo tornou-se mundo
N'um desejo do Senhor. . .
Oh! mas não; orôz do homem
Esse teu brilho a se.

Porto 16 de Fevereiro — 1848.



UMA SAUDADE.



A' na vida, em verdes annos,
Tive sonhos d'illusão —
Affagou-me um sol d'enganos
Da flôr da vida o botão :
Oh ! vi-a. . . . sonhei com *ella*,
Sonhei com risonha estrella
Das trévas na escuridão !

Ia espera-la sombrio,
Nas serras, ao pôr do sol,
Como o naufrago erradío
Busca o longinquo pharol :
Era a vida de minh'alma,
De meus tormentos a palma,
Dos céus um tenue arrebol :

E quiz-lhe muito — no seio
Oh! nem me cabia a dôr,
Quando, em doce devaneio,
Me occultava o seu fulgôr. . . .
Mas, aos tristes sons do canto,
Vinha enxugar o meu pranto
Com seu pállido esplendôr.

Passei assim longos dias
Da meiga quadra infantil,
Quando, a matar-me agonias,
Vinhão delicias ás mil;
Quando, ao *Leça*, entre verdôres,
Eu cantava os meus amôres
No froixo, pobre arrabil:

Por *ella* só, verdes loiros
Quiz nas batalhas ceifar:
Ir combater contra *moiros*
Lá nas praias d'alem-mar;
Ir colher trophéus de gloria,
Ser o Anjo da victoria
Entre os escravos d'Agar.

Ser o Deus do Capitolio,
Entre monarchas ser rei,
Calcar aos pés aureo solio

Só por *ella* o desejei :
Não seria, não, o espectro
Dos tyrannos, que o meu sceptro
Fôra o symbolo da lei :

Só por *ella* a immensidade
Quiz sulcar dos escarcéus,
Afrontar a tempestade,
Sorrir á furia dos céus !
Quiz ser altivo corsario,
Vencêr o mar — temerário
Ir bradar-lhe : « *Aquí sou Deus !* » —

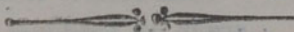
Quiz as pomposas riquezas
Do soberbo Salomão —
Quiz, no seio das grandezas,
Ser o rei da criação :
Quiz . . . e tudo só por *ella*,
Tudo só por essa estrella
De feiticeiro clarão . . .

E *ella* então vinha modesta
A sorrir-me, ao pôr do sol,
A's horas que, na floresta,
Se carpia o rouxinol :
Como então te vi tão lindo
Hoje te vejo fulgindo,
Da infancia minha ó pharol.

Vejo-te, sim — mas distante
Já scintilla a tua luz ;
Para o seio d'outro amante
Hoje vae correndo a flux :
Só me deixaste — esquecida !
Entre os espinhos da vida
Do martyrio a ferrea cruz . . .

Só m'a deixaste . . . E qu'importa,
Que m'importa o rigor teu ? . . .
Morta a c'rença, a esp'rança morta,
Serás meu, astro do céu ?

— Oh ! então, co'a luz tão varia,
Cobre a pedra solitaria
D'um deserto mausoléu !



SIMILHANÇA.



VINDE vaés adejando, oh mariposa,
Com tuas lindas azas multicôres?
Porque do lirio vaés poisar na rosa,
Sempre contente, sem morrer d'amôres,

D'amor matando as flores?

Retrato d'ella és tu, oh borboleta!


Seu meigo olhar, seu gesto feiticeiro

Tudo captiva. . . Tu, louca, indiscreta,

Prêsas só vês as flores; — prisioneiro

Vê *ella* o mundo inteiro.

o SEPULCHRO DE CHRISTO.

 MA cúpula, dentro d'outra cúpula,
Levantada no chão,
Adornada de rocha, e duro marmore
— *Sepulchro do Senhor* — modesta alveja
Lá junto do Sião!
Sobre a rocha curvado o peregrino,
Que alli veio rezar,
Beija a sagrada campã, e, em doces rezas,
Vem louvar o seu *Deus*, chama-lo ao mundo. . . .
Vem seus males chorar :

Vem dizer-lhe: — « Oh Senhor, escuta, atende
Ao triste peccador,
Que, em pranto sobre a pedra do sepulchro,
Implora o teu soccorro: ah! tem piedade. . .
Protege-nos, Senhor!

Depois ergue-se a custo, e vagaroso
Triste caminha além:
Eis pára inda uma vez, e os olhos volve
Ao tumulo de Christo — á flor da terra,
Flor de Jerusalem —

Amargo pranto lhe assomou ao rosto,
Crava os olhos nos céus:
Senhor, senhor ouvi-me, que na terra
Outra crença não tem o desgraçado
Mais que o sorrir de Deus!

Assim disse e caminha: as altas torres
Da cidade deixou:
Ao longe, lá no cimo das montanhas
Quasi a tocar no céu, lá no deserto
O mísero parou:
Jerusalem, no azul do firmamento,
Já sóme os torreões:

Os minaretos, os jardins, as casas
Parecem lá n'um mar — todo esmeralda —
Nevados galeões:

Inda uma vez, nas serras da Judea,

○ triste quer rezar:

Depois... ah! para sempre elle abandona
Esse lugar de fé: além caminha...

Eis chega ao patrio lar:

E junto á meiga esposa, e aos ternos filhos

Alegre se sorrio —

A nova luz da crença, a lei de Christo
Lhes vem dictar, que a pedra d'um sepulchro
N'alma lh'as imprimio!

Salve, campa dos sec'los respeitada,

Signal de redempção —

Eterna mostras a maldade d'homens,

Tu attestas um Deus: — tu és o livro

Da crença de Sião!

Se um dia sobre ti, for pezaroso

Minhas mágoas carpir, —

Eu bradarei, chorando os meus delictos —

Resurge, oh! Deus, resurge e vem de novo

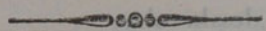
Este mundo remir.

Ergue-te, oh Christo; surge radiante
De refulgente luz —
Vem arreigar na terra a crença eterna;
_ Amostra ao mundo, oh Deus, os teus martyrios,
Mostra-lhe a tua Cruz !

Porto — 1847.

A VIOLETA DA SERRA

Vae mandado a terra
A brisa da tarde
Por hi a gerar;
O dia teus
A luz a tua
Co' a tua
A tua



Gentil
Aos raios do dia
Florinha sem par;
Em nome a violeta
Luz da liberdade
Brincando indolente
Vae meiga adjar;
D'ora em diante
Levar ha
A abella chorada
Beizando os ruyos
Se vae nomeada
Amor de os frangos

1817. Porto

A VIOLETA DA SERRA.

POR crutas de rocha,
Na serra sombria,
Gentil desabrocha
Aos raios do dia
Florinha sem par;
Em torno á violeta
Louçã borboleta,
Brincando indiscreta,
Vae meiga adejar :

A abelha doirada,
Deixando os cortiços,
Se vae nomorada
Amar-lhe os feitiços,

Fallar-lhe d'amor;
Fugaz passarinho,
Travesso, mesquinho,
Lá forma o seu ninho
Bem junto da flor:

Nas horas da sesta,
Que o sol alli arde,
Vae candida, honesta
A brisa da tarde
Por'hi a gemer;
O dia termina,
A lua argentina
Co'a luz peregrina
A vae aquecer:

Por noite medonha
Gentil pyrilampo,
Na selva tristonha,
Na relva do campo,
Nas trevas reluz;
E corre ligeiro,
D'amor prisioneiro,
Levar-lhe um luzeiro
Na falta da luz!

Aos raios da aurora
Lustrosa, e bonita,

Se adorna, senhora
De gala infinita,
Mais leda e louçã;
Então, brandamente,
Saúda contente
O sol refulgente,
A luz da manhã :

O triste viajante,
Que a vista desterra,
A vê vecejante
Nas fragas da serra,
È vae-lhe fallar :
— « Florinha viçosa,
Tu perdes , formosa,
Na serra escabrosa
Teu brilho sem-par !

Ah ! folga, oh florinha,
Aqui, no deserto,
Se triste , e sosinha
Dos astros tão perto
Tu podes florir ! —
Violeta tão bella,
Na linda capella
Da trega donzella
Não vás a sorrir !


Ah! nunca o romeiro
Na serra passando,
Gozando o teu cheiro,
Tão doce e tão brando,
Te arranque sem dó:
Ficáras na dança,
E mais na folgança,
Sem mais esperança
Sepulta no pó!

Aqui, se murchares,
Florinha innocente,
Irá pelos ares
Teu cheiro fervente
Aos anjos dos céus —
Assim os humanos,
Deixando os enganos,
Invião, co'os annos,
As almas a Deus!

14 de Fevereiro de 1848.

A GRUTA DA SERRA.

(Ao meu amigo Antonio Coelho Lousada.)


 A' na fralda d'uma serra
 Concava gruta gentil —
 Assombrada de continuo
 Por arbustos mais de mil:
 Coberta de brando colmo,
 Entretecido co' o til.

Mil florinhas multicôres
 Cobrem a relva do chão:
 Dos ramos do limoeiro
 Pende o cheiroso limão;
 N'um bosque de romanzeiras,
 Canta alegre o verdelhão:

Em lindas noites serênas
D'argenteo, meigo luar —
Luz a lympha da corrente
Que allí vae a suspirar :
Braquejão longe — bem longe —
As brancas ondas do mar,

Saudosa brisa doudeja
Entre as rosas do rosal :
Agita, com doces brincos,
O ribeiro de crystal :
As léves folhas dos freixos,
Os raminhos do pinhal.

Eu allí vou pensativo
Vèr as florinhas do chão ;
Vèr, entre a verde folhagem,
Tremor o verde limão ;
Vou ouvir, nos densos bosques,
O cantar do verdelhão :

Vou vèr do céu as estrellas,
Vou vèr a luz do luar ;
Ouvir o pobre regato
Que allí vae a suspirar :
Vou vèr as ondas de prata,
Vou ouvir gemer o mar :

Vou confundir meus queixumes
Com a brisa do rosal;
Com o suave sussurro
Da corrente de crystal:
Com o cicío dos freixos, —
C'os raminhos do pinhal:

Mas que m'importa essa gruta?
Que m'importa se é gentil?
Se é formada d'altas rochas,
E d'arbustos mais de mil?
Que m'importa o brando colmo?
Que m'importa o brando til?

Que m'importão essas flores
Por entre a relva do chão?
Que m'importa o limoeiro
Donde pende aureo limão?
Que importão as romanzeiras,
O cantar do verdelhão?

De que serve, n'alta noite,
Vir aqui vêr o luar?
De que serve ouvir sombrio
O regato a suspirar?
De que serve ouvir ao longe,
Bramir as ondas do mar?

De que vale a doce brisa
A brincar entre o rosal,
Agitando, em meigos jogos,
O ribeiro de crystal —
A cantar por entre os freixos,
A gemer n'esse pinhal?

De que vale se a tyranna
Não vem matar-me esta dôr?
Fartar meus longos desejos,
N'um curto beijo d'amôr?
Se não vem ouvir os cantos,
As queixas do trovador?

A's vezes, louco d'amores,
Vou cantar-lhe uma canção,
Vibrada nos seios d'alma,
Nas fibras do coração —
Que repercutem os echos,
E os ais da viração:

E' assim: — « Meiga donzella,
Casta e bella
Como a nitida cecem —
Amo-te. . . e amôr tão profundo,
N'este mundo,
Não sentio inda ninguem:

Minha fé, minha ternura,
E' tao pura
Como a brisa da manhã:
Como a candida rolinha,
E a luzinha
Que brilha às noites louçã:

Oh! quem déra, um só momento,
Meu tormento
Nos teus labios mitigar:
Pagasse embora c'o a vida,
Oh querida,
O prazer de te abraçar: « —

Mas debalde alli descanto
Minha tão pobre canção,
Que aos meus prantos só respondem
Os echos da solidão:
— E lá, d'entre as romaneiras,
Canta alegre o verdelhão.

Porto 17 de Setembro — 1848.

Mas tu foges?... Inocentes!
Porque foges tu de mim?
Anda cá, quero abraçar-te.
Meu anjo, meu christão!

Tens receio que te abraço?
Qu'eu perca o teu amor?
Não temas, qu'eu abraço-te.
És tu rosto a viver cor?

INNOCENCIA.



AMELIA! Amelia! tu córas

Porque te falló d'amor?

Ah! não córes; não é crime....

Não tens de que ter pudor:

Anda cá.... mas tu desmaias?

Perde teu rosto o carmin!

Que temes?... dize.... medrosa,

Porque te assustas assim?

Choras, tremes, e ligeira

Cobres teu rosto co'a mão!

Cobre-o bem, que mais descubres

Teu singelo coração.

Mas tu foges?... Innocente!
Porque foges tu de mim?
Anda cá, quero affagar-te,
Meu anjo, meu cherubim:

Tens receio que eu conheça,
Qu'eu perceba o teu amor?
Não tenhas, que já m'o disse
De teu rosto a viva côr:

Já m'o disserão teus olhos,
Tua gentil pallidez....
Não fujas: quero abraçar-te,
Quero beijar os teus pés:

Quero ensinar-te um segredo,
Doce *mysterio* que eu sei....
Anda cá, entre mil beijos,
Entre affagos t'o direi:

— « Não sabes?... O pensamento
Só se lê no coração;
Se não quer's que t'o soletrem,
Oh! não n'o descubras, não!

— 315 —
O vento, pelas selvas suspirando,
Sentido suspirando
Ao longe, o negro macho estovado
Pion tristonho, como o misturado
Que ao igniter solouco;
Mais
DEUS!
Oh lugar de tristezas, em te abandono,
Quero-te, oh abandono!
Silencio e paz... Como dizes e mudo!
Al! sim, é o mundo sem medonha e mudo!

Senhor, nosso Dominador soberano, que
admiravel é o teu nome em toda a terra!

SALMO VIII.



NOITE: — pelas crutas dos rochedos
Brilha a luz do luar;
Entre os ramos, além, nos arvoredos
Retrata vãos gigantes em folguedos,
Em danças a bailar:

Rapidos chegão, correm, desaparecem
Com roupas de marfim!...
Diminuem agora, agora crecem,
E nos brincos, nos jogos, me parecem
Os mortos n'um festim:

O vento, pelas selvas assoprando,
Sentido suspirou ;
Ao longe, o negro mocho esvoaçando
Piou tristonho, como o miserando
Que ao morrer soluçou :

Oh lugar de tristeza, eu te saúdo !
Quero-te, oh solidão !
Silencio e paz. . . . Como deserto é tudo !
Ah ! sim, é o mundo aqui medonho e mudo
Qual foi na criação !

Adeus ! adeus, oh terra, eu te abandono,
Roubo-te o meu amor ;
No serro das montanhas tenho um throno,
Onde posso reinar. . . . eu sou seu dono,
Sou do ermo o senhor !

Meus carnes na soidão irão mais perto
Gemer aos pés de Deus :
A lyra, pelas rochas do deserto,
Ha-de carpir mais doce, ha-de, por certo,
Como os anjos nos céus :

Longe do rir dos homens, vou sem medo
Meus versos modular ;
Ouvi-me vós, oh Deus !. . . . guarde o segredo
As canções com que doiro este degredo,
Este longo penar !

I.

UM DESEJO.

Ao ver as onças de prata,
Vendo as nuvens d'escarlata,
Mais o sel que se retrata
Nas esmeraldas do mar :
Ao ver á noite as estrellas
Tão scintillantes, tão bellas,
Fitando os meus olhos n'ellas,
Começo triste a rezar :

Quando nasce a madrugada,
Vendo a relva avelutada,
Vendo a rosa nacarada,
Vendo o lirio de setim,
Vendo a louçã mariposa
Adejando em torno á rosa,
Rezo, e a prece fervorosa
Leva a Deus um cherubim :

Depois nos céus do Orientè
Larga faixa refulgente
De rosas, d'oiro luzente
Vem formar a luz do sol :
A fidalga e a camponesa
Murmurão modesta reza ;
Co' os hymnos da natureza
Casa o canto o rouxinol :

Ào longe o sino da ermida
Espalhando a voz sentida,
Cem vezes repercutida,
Pregõa *Deus* ao christão:
Mas cessa o bronze da torre,
O derradeiro ecco morre
Pelo espaço que percorre...
Fica a voz do coração!

Oh! se eu pudesse um momento,
Nas rijas azas do vento,
Ir, lá sobre o firmamento,
Ouvir os anjos nos céus,
Das estrellas namoradas,
Por esses céus espalhadas,
Formara, em letras doiradas,
O nome eterno de *Deus!*

II.

EXISTE DEUS.

Os astros, o mar, a terra
As nuvens, os altos céus,
No gyro, bellezas, graças
Tudo brada: « *Existe Deus!* »

Nunca ouviste a philoméla,
Cantando no mez das flôres,
Elevar, em doces hymnos,
Ao Eterno os seus louvores?

Não viste gentil pastôra
Cantar leda cantilena,
Nas ermas penhas da serra,
Ao som de campestre avêna?

Não vês, alem, bonançosa
Com mui brando murmurio,
Correr, por entre seixinhos,
A lympha amêna do rio?

Não ouves, por entre as brenhas,
A rajada a sibilar,
A trinar ignotos hymnos
Que nos céus vão echoar?

Nunca ouviste, em ermos sitios,
O pinheiral a gemer,
Imitando os ais extremos
Do triste, que vae morrer?

Não ouves, junto á lareira
Como a chamma a crepitar,
Parece em táctias vozes
Seu proprio author confessar?

E, por noites de tormenta,
Quando rebomba o trovão,
Não te parece do Eterno
Solemne, horrivel, pregão?

A philomela, e o regato,
A pastora, o pinheiral,
O vento, o fogo, a procella,
Trinão canto divinal.

Doce canto, que aos viventes
Brada eterno: «*Existe Deus!*»
Deus! repetem froixos echos,
Té ás alturas dos céus.

7 d'Abril de 1847.

— 121 —

Que por es' bordo d'estavas, oh patria,
Fazes tens, n'as nubes d'outro mundo,
Para nos tirar, oh bravo guerreiro,
Lá d'ha tanto, os seus melhores soldados.
F'ra nós, francezes, (mesmo que a terra
Que transporta! que transporta!
Para nós o crime horrendo, a terra
Prizes levou em triunfo, a terra

A MARSEILLEISE.

Eia, cidadãos! (Traducção.)



VAMOS, oh filhos da França,
Da gloria o dia chegou;
A bandeira da matança
A tyrannia arvorou:
Não ouvis, nos vossos prados,
Feros soldados bramar?
Junto a vós, correm irados,
Mães e filhos degolar:

Eia, cidadãos! á guerra;
Vossos batalhões formae:
Vamos! hoje a patria terra
D'impuro sangue regae!

Que quer ess'horda d'escravos,
Falsos reis, tredos vilões?
Para nós farão, oh bravos,
Já d'ha tanto, os seus grilhões?
P'ra nós, francezes! Que affronta!
Que transporte! que rancor!
Para nós o crime aprompta
Priscos ferros em furor.

Eia, cidadãos! á guerra;
Vossos batalhões formae:
Vamos! hoje a patria terra
D'impuro sangue regae!

Como! um bando d'extrangeiros
Dar as leis em nosso lar!
Phalange de guerrilheiros
Nossos fortes derrotar!
Sancto Deus! Ao tórpe jugo
Nossas fronte curvarão?
Dependentes d'um verdugo
Nossos destinos serão?

Eia, cidadãos! á guerra;
Vossos batalhões formae;
Vamos! hoje a patria terra
D'impuro sangue regae!

Tremei reis, tremei falsarios,
Negro opprobrio dos mortaes !
Pagareis os sanguinarios,
Vis projectos infernaes:
Contra vós os nossos fortes,
Se perdem a vital luz,
Novas, armadas cohortes
Prestes a terra produz.

Eia, cidadãos! á guerra;
Vossos batalhões formae:
Vamos! hoje a patria terra
D'impuro sangue regae!

Francezes! como soldados
Ide a morte fulminar:
Mas poupae aos que, obrigados,
Contra vós correm luctar!
Porem não aos assassinos,
Aos socios de Boullié,
Aos que devorão, ferinos,
Suas mães sem dó, sem fé.

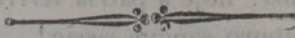
Eia, cidadãos! á guerra;
Vossos batalhões formae:
Vamos! hoje a patria terra
D'impuro sangue regae!

Da patria oh sançta amisade,
Conduz hoje o vencedor!
Liberdade! Liberdade!
Defende o teu defensor!
Trazelhe a doce victoria,
Que a tua voz faz nascer:
Teu triumpho, nossa gloria
Contemple o crime ao morrer.

Eia, cidadãos! á guerra;
Vossos batalhões formae:
Vamos! hoje a patria terra
D'impuro sangue regae!

Copla dos meninos.

Entraremos na carreira
Só depois de nossos paes:
Lá veremos sua poeira,
Os seus dotes immortaes:
Desejando a sua morte,
Despresando este viver,
Poderemos (doce sorte!)
Ou vinga-los, ou morrer.



CANTO DOS GIRONDINOS.

(Traducção.)



França chama seus filhos
Do canhão ao brado horrendo ;
A's armas! diz o soldado,
Minha mãe, eu te defendo.


Morrer pela França
E' a sorte mais doce, mais doce esperança.

Nós que, longe das batalhas,
Sem gloria alguma morremos —
A' patria, e á liberdade
Nossa morte dediquemos.

Morrer pela França
E' a sorte mais doce, mais doce esperança.

ÃO DESPOTISMO.

Parodia á Liberdade do Snr. J. de Lemos.

 UEM povos, e thronos, cidades e imperios,
Virtudes e crença, quem póde agitar?
Quem cobre d'estragos os dous hemispherios,
Quaes rochas cubertas das agoas do mar?
Só tu, despotismo, vaidoso revolves
O mundo, que os crimes tu vaes acordar!
As leis desprezando, seus laços dissolves
Bramindo, qual bramem as agoas do mar:

Só tu, despotismo, verdugo do mundo,
Com sceptre de ferro, desejas reinar. . . .
A's bordas do abysmo medonho, profundo
Tu corres revolto, quaes agoas do mar.

Tu medras (que assombro!) n'um lago de sangue. . . .
E o mundo que gema d'escravo a chorar!
Espectro de morte, tu reinas exangue
Na terra, no inferno, nas agoas do mar!

Quaes feros ginetes, galgada a barreira,
As veigas, os prados na fuga a talar,
Assim, arvorando sangrenta bandeira,
Assolas as terras, e as agoas do mar.

A's vezes tu dormes, qual meigo innocente,
Tu dormes, verdugo, no crime a medrar!
Despertas. . . e, em jorros de sangue inda quente,
Augmentas, redobras as agoas do mar!

Não cedes aos rogos, ao pranto, á belleza!
Cruel! quem teus erros podèra estampar?
Quem dera que lasso de tanta braveza
Sumisses teus crimes nas agoas do mar!

Mas deixa, que os lirios da crença vecejão,
Cá dentro no peito, da patria no altar. . . .
E os barcos, que ao longe — bem largo — velejão,
A's praias os trazem as agoas do mar!

Não folgues. . . . A terra cômigo lucrava
Se em ferros podessem seus brios crescer. . . .
Mas morre e definha. . . . se geme d'escrava
Sò pode sumir-se, finar-se, morrer!

Em Roma não viste mil torres erguidas,
E Roma do mundo *rainha* se crer?

As c'roas, que tinha, não viste abatidas,
E Roma, em teus braços d'escrava morrer?

Não viste, inda ha pouco, nos reinos hispanos

O sangue dos povos um monstro a beber?

Não viste *vencidos* fugindo os tyrannos,

Ainda, em teus braços, deixa-os morrer?

Escuta. . . . não ouves? que triste gemido!

Lá geme a Polonia d'escrava a tremer. . . .

Na face da terra mirrado, sumido

Um pòvo de bravos não vès a morrer?

Repara na França, na França d'agora,

Que em balde teus crimes pertende esquecer:

Não vès esse pòvo lutar porque adora

A patria, e valente *por ella* morrer?

Reinaste, outras eras, na vil guilhotina,
Os dentes de raiva convulso a ranger!
Mas soa tremendo — *qual voz girondina* —
Um brado de morte: « tu has-de morrer! » —

Repara, repara. . . . Não vês entre fumo,
Entre ais, entre gritos, entre esse gemer,
A' voz *liberdade*, sem guia, sem rumo,
Fugir o tyranno, sumir-se, morrer?

Repara. . . . Do Douro, do Têjo as areias,
Banhadas de pranto, parecem dizer:
— « Quebrarão meus bravos d'um Nero as cadeas,
Meus bravos em ferros hão-de hoje morrer? »

III.

Mas tu, despotismo, reinando entre ferros
D'escarneo, e ludibrio tu sabes sorrir. . . .
Minoras teus crimes, capeas teus erros,
Disfarças. . . . mas louco! não podes florir.

Um rastro de sangue continuo te segue
E as furias do inferno, do inferno o rugir. . . .
De Deus a justiça te opprime, e persegue,
Continua te arrasta, não podes florir. . . .

Arranca-te as c'roas, os sceptros t'esmaga,
Teu solio de ferro tu vès alluir. . .
Trophéus de teus crimes, teu pranto os allaga,
Tu tremes, cobarde! não podes florir.

Ao brado da guerra, pedindo vinganças,
Desmaias. . . acordas, pertendes fugir. . .
Renascem de novo tão doces esp'ranças
A' voz *liberdade*: não podes florir!

D'ingratos tyrannos a rãbida turba
Que tu no teu seio soubeste nutrir,
Com gritos, com prantos o mundo perturba,
Vacillas, recuas, não podes florir. . .

De sangue e riquezas a torpe cubiça
Em ti quem a pode na terra medir?
Na paz dos imperios teu odio se atica,
Rallando-te a inveja, não podes florir.

As aras ao Eterno, por nós cousagradas
Tu sabes — hypocrita! . . . até prostituir!
E as c'roas, que entregas ás testas c'roadas,
Ao povo as roubaste, não podes florir. . .

A's vezes tu finges bradar: *liberdade*,
E vais-lhe ardiloso na face cuspir. . .
Querer-te na terra, verdugo, quem ha-de?
Ah! nunca. . . não podes, não podes florir!

IV.

Ñem has-dê... que um astro de sombras toldado
Já mostra d'esperança risonho fulgor...
Co'a face na terra, na terra ajoelhado
Quem dera cantar-lhe meus hýmnos d'amor!

A elle somente tecera os meus hýmnos,
Sagrara meus versos, meu casto louvor,
Se acaso no mundo seus raios divinos
Viesses nutrir-me no peito este amor...

Amor que tão caro, tão grato me fôra,
Se tu, liberdade, com sancto valor,
Rasgasses aos povos a venda oppressora —
Meu sangue te dera, tributo d'amor!

Ah! desce, rainha, firmada na lança,
No sceptro que outr'ora tè deu o Senhor;
Vem, desce... resurja no mundo a esperança,
Da paz as delicias, os sonhos d'amor!

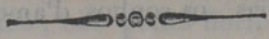
Vem, desce... não tremas; ha tanto fugida
A terra não deixes immersa em pavor!
Resurje, nos braços d'un anjo trazida,
Qu' eu quero cantar-te meus cantos d'amor!

Mas tu, despotismo, raivoso não deixas
Que brilhe nas trevas seu mago esplendor;
Tu folgas com prantos, divertem-te as queixas;
Os hymnos da morte, não hymnos d'amor!

Verdugo!. . . Verdugo!. . . mas basta, que a letra,
A letra é de sangue, de magoa, de dôr;
No peito, ao canta-la, terrivel penetra,
Definhão-se n'alma meus hymnos d'amor.

Mas triste. . . ai! ditoso sómente eu seria,
Se em vez d'este canto de fel, e de horror,
Oh patria, pudesse com doce alegria,
Tanger-te, na lyra, meus cantos d'amor!

Porto 11 d'Agosto 1848.



Em teu tronco a cada instante
Me leva o vento cruel —
Onde vas tu, a serra
A macha solta da tua,
Seca solta do lauro.

Tombo 23 d'April, 1871

A FOLHA,

(Tradução.)

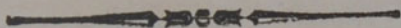


A' do teu tronco arrancada,
Pobre folha abandonada,
Onde vaes? — « Eu não n'ó sei!
F'riu o raio fulminante
O carvalho onde brotei.
Com o seu sôpro inconstante
O galérno, o aquilão,
Por aqui me traz errante,
Da serra ao bosque distante,
E das praias ao sertão:

*

Eu vou onde a cada instante
Me leva o vento cruel —
Onde vae tudo: a viçosa
A murcha folha da rosa,
Secca folha do laurel.

Porto 23 d'Abril.



O cavallo onde protei,
Fim o raro tabuante
Onde vae? — Eu não n'ó sei!
Pobre folha abandonada,
A do teu tronco atardecida,
Com o seu sópro inconstante
O galeno, o aquillo,
Por aqui the trax crante,
Da seita ao bosque distante,
E das prais ao sertão:

OS MEUS DESEJOS.

(A' Exm.^a Snr.^a D. C. Amelia Coutinho.)



U! quantas vezes eu scismo
Em ser um d'esses heroes,
Que, dos seculos no abysmo,
Brilhão, quaes aureos pharoes!
E minh'alma então inquieta,
Deseja a voz d'um propheta,
Doces carmes de poeta,
Brandas tintas de pintor;
Quer exceder, n'esse instante,
Apelles, David, e Dante,
E n'um colosso gigante
Ter meu nome d'esculptor.

Oh! s'eu pudesse, inspirado,
Sobre o ferro dos canhões
Nas batalhas conquistado,
Gravar minhas concepções —
Escarneo da eternidade,
Erguera, sobre a cidade,
Com serena magestade
Tua estatua colossal,
Que, c'o tempo furibundo,
No voraz cahos profundo,
Veria findar-se o mundo,
Em pé, no seu pedestal!

S'eu fosse um vate sublime,
Como o sabio Daniel,
Esmagára o torpe crime
Em carmes d'amargo fel —
Cantára, com voz de ferro,
Nas trevas d'este desterro,
A' perfidia, ao vicio, ao erro
Meus cantos de maldição:
Mas no tremendo alaúde
Louvára a tua virtude,
Teus viços de juventude,
N'esta geral corrupção,

S'eu tivera uma grinalda
De gentis, verdes laureis,

Verde, verde, d'esmeralda,
Nobre, qual c'roa de reis; —
Se do genio herdára o sceptro
Se tivesse a voz, o metro,
Se tivesse o regio plectro
De Virgilio, ou de Camões,
Curvos d'assombro os imperios,
Em canção — toda mysterios —
Cantára aos dois hemispherios,
Tuas gentis perfeições!

Se de Guido achasse a palma,
E o genio d'elle a ferver,
A borbolhar dentro d'alma,
Qual volcãe, que vae nascer —
Pintára te, em alva tela,
Feiticeira, e casta, e bella,
Com teu sorrir de donzella,
Mimosa pomba dos céus,
E a terra, gemendo iasana,
T'iria bradar — « *Hosanna!* » —
Como a captiva á sultana,
Como um archanjo ao seu Deus!

Mas ah! de balde procuro
Tornar meu nome immortal,
E, monarcha do futuro,
Reinar, qual aureo fanal!

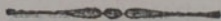
Em vão quero (miserando!)
Ser um anjo venerando,
Qu' aos pés os seculos calcando,
Fulgisse, assombro do sol —
Que visse o meu nome inscripto,
Em cem molles de granito,
Soberbas, quaes as do Egypto,
Qual de Rhodes o pharol!

Oh! quem dera: — embora a guerra
Ao troar de mil canhões,
Fosse rola-las por terra,
Cobri-las d'imprecações —
Da terra mudo vigia,
Houvera reinado um dia,
E com a fronte sombria
Firmara o throno de Deus;
E ao cahir, como em memoria,
Como tropheu de victoria,
Um echo eterno de gloria,
S' elevára até aos céus!

Mas se tão fagueiro sonho
Não posso realizar,
Vem, com teu gesto risonho,
Meus desejos apagar. . . .
Vem, c'os teus longos cabellos,
Desatados, em novellos,

Tão ondulantes, tão bellos,
De tão linda e negra côr;
Vem, com teus castos abraços,
A prender-me em doces laços;
Dá-me por *c'roa* os teus braços,
E por *gloria* o teu amor,

Porto 29 d'Agosto, de 1848.



A ANDORINHA.

(Ao meu amigo Manoel Duarte Monteiro.)

ANDORINHA maviosa,
Vens acaso namorar
Esta terra deleitosa
Lá das selvas d'alem-mar?
Quem te traz á patria minha,
Linda, fagueira avesinha,
Quem te traz a Portugal?
Serão estes arvoredos,
Estas praias, e rochedos,
Estas agoas de crystal?

Vens buscar um desafogo
 A's penas do teu amôr?
 Ou vens ver um sol de fogo
 E namorar-lhe o fulgôr?
 Vens, entre mimosas flôres,
 A curtir amargas dôres,
 Na paz, e na solidão?
 Vens ver da noite os luzeiros
 Tão gentís, tão feiticeros
 Com seu rútilo clarão?

Andorinha, vens acaso,
 No centro dos laranjaes,
 Aos teus amôres dar azo,
 Vens soltar aqui teus ais?
 Vens vêr o cravo, a roseira,
 A ehejrosa caneleira,
 O doirado girasol?
 Ao som do mar que se arrôla,
 Vens ouvir gemer a rola,
 Ver carpir-se o rouxinol?

Quem da patria te arrebatã?
 Quem te faz errar assim?
 Não tens lá astros de prata
 Com seus raios de rubim?
 Não terás tão claras agoas?
 Não s'escutão dôces magoas

Os rouxinoes a carpir?
Não ha selvas encantadas,
Não ha praias namoradas,
Nem o céu se vê sorrir?

Lá não tens a primavera
Tão feiticeira, e gentil?
Nem as verdes grutas d'hera
Entrelaçada c'o til?
Não tens a paz. o socego?
Não tens de prata o Mondego?
Não tens do Leça o crystal?
Oh! que não: tantas bellezas,
São nossas, são portuguezas...
Nem ha outro Portugal.

Mas vae. . . corre aos teus filhinhos,
De ternura almo penhôr;
Vae levar-lhe, em teus carinhos,
Terna mãe, teu easto amôr. . .
Volta á patria, e s'encontrares,
Ou lá na terra, ou nos mares,
Virgem, que dos céus baixou —
Dize-lhe que um malfadado
Viu-a em sonhos, e acordado
Desde então a idolatrou!

Quando s'escolheu o sol
 Tão entre meus amores,
 As brancas conchas do mar;
 Não me lembro
 D'um pathetico luar;
 Amava a magna estrella,
 A santa da capella,
 O cantar do trovador —
 E, com suave aegria,
 Tante as prezas m'escondia

A' MINHA AMELIA.



MULHER ! porque tão meiga me sorriste
 Quando no meu sonhar d'amenos sonhos
 Brilhava a doce esp'rança , qual fulgura
 N'um céu abraçador um sol de chammas?
 Porque vieste assim roubar-me a vida
 D'argenteas illusões, d'aureas chyméras,
 E rasgar-me , sem mágoa , os seios d'alma ?

Antes de ver-te , contente
 Vivia isento d'amor :
 Em meu peito , inda innocente ,
 Não brotára acerba dòr ;

Sosinho , á beira do rio ,
Ia ouvir o murmurio
Da corrente de crystal ;
Ia ledo e descansado
Colher o lirio do prado ,
Alva rosa do rosal.

Erão então meus amôres ,
As brancas conchas do mar :
Amava os aureos fulgores
D'um patheticô luar ;
Amava a magica estrella ,
A sineta da capella ,
O cantar do rouxinol —
E , com suave alegria ,
Entre as brenhas m'escondia
Quando s'escondia o sol.

Mas um dia , angustiado
Senti , no peito , um volcão
Senti tremer d'abrazado
Quasi exangue o coração ;
Tinha-te visto formosa ,
Como nivea , humilde rosa ,
Com teu ar de serafim ;
— Quiz-te fugir , mas não pude ,
Que julguei ver a virtude
No teu rosto de marfim.

E fiquei mudo e quêdo a contemplar-te
Momentos esquecidos — largas horas
D'incerteza, e d'amor, d'esp'rança e magoa!
Oh! que formosa qu'eras! Nunca o bardo
Pôde em sonhos d'extranho devaneio
Imaginar sequer tão bellas formas:
Sobre o collo de cysne ao desalinho,
Ao desdem as madeixas te cahião;
Na madrugada as lagrimas do orvalho
Não imitão sequer teus alvos dentes:
Desmerecem teus labios purpurinos
D'aurora boreal purpureas côres;
Branca nuvem gentil, n'um cêu de trevas,
Não pôde escurecer teu niveo seio.
— Vi-te assim, e no intimo do peito,
No cofre o mais recondito d'est'alma,
Eu guardei para sempre a tua imagem.

Tu me sorriste, sorri-me,
Tu olhaste. . . . olhei tambem;
O que n'um olhar s'exprime
Na voz não o diz ninguem:
— E foi assim que fallamos,
Foi assim que revelamos
Mysterios do coração. . . .
— Magas fallas d'um sorriso
Na lingua do paraizo
Tem tão suave condão!

Depois de pejo córaste,
Sem querer também córei;
Com froixa voz me fallaste,
Com froixa voz te fallei;
E tu disseste: — « E' tão lindo
Ver, entre nuvens, fulgindo
Das estrellas o fulgôr! »
— E eu te disse: — « Oh! que é mais grato
Ver assim o meu retrato
Dos teus olhos no esplendor:

E tu sorriste e disseste:
— « Como é saudoso o luar,
Quando a saphira celeste
Vem de chammias adornar! »
E eu te disse, c'um sorriso,
— Pombinha do paraiso,
Meigo, gentil serafim,
Oh! sê minha. . . hei-de adorar-te,
Seguir-te-hei a toda parte,
Se te sorrís para mim! »

Não respondeste, não: mas nos teus labios
Meigo sorriso deslisou travesso,
E foi, co' as niveas azas, agitar-te
Os lindos, magos olhos d'esmeralda;
Já mais perto, mais doce o teu bafejo

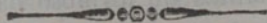
De mui suave aroma embalsamado
Veio affagar-me então as penas d'alma,
E, em torno a mim, o zephiro ligeiro
Tuas singelas roupas espalhando,
Veio arreigar-me as faces melancholicas
Com tuas negras tranças: dos teus braços,
Cedendo de tu' alma ao doce impulso,
Nivea cadea de jasmims, de neve,
Em torno a mim formaste, e as niveas faces
Da innocencia o pudor veio tingir-t'as!
— Languida a fronte no meu seio occultas,
E os niveos olhos para os meus volveste!

Foste minha. . . . oh! que foste! e nunca, nunca
Tão saudosa lembrança, ha-de apagar-se,
Ha-de morrer no intimo dest'alma. . . .
Nunca. . . . não: oh! bem cedo ha-de esmaga-la,
Ha-de sumi-la a pedra d'um sepulchro.

Ha-de, que já sem ti viver não posso,
E bem cedo, ai de mim, hei-de perder-te. . . .
Teus lindos labios de formoso nácár
Jamais hão-de beijar tostados labios
Do pobre trovador: jamais na terra,
C'roas e sceptros despresando altivo,
Verei nos braços teus, n'um céu d'affagos,
Em ond s de prazer, n'um mar d'incantos—
Teus lindos olhos, teu fagueiro rosto. . . .
Oh! nunca, nunca mais me será dado

Sobre o teu seio candido, de neve
Recostar, a tremer, a ingenua fronte. . . .
— Como no outono as folhas da floresta,
Assim cahirão murchas dentro n'alma
Tantas esp'ranças no verdôr da vida!

Passarão. . . . mas no peito uma saudade
Bem gravada ficou — mais doce e amena
Do que branco luar de branca lua. . . .
Nada mais: — quando o sol no mar s'esconde,
Trémulo raio vem ferir as nuvens;
E da festa ao findar, vae longe o echo
Resoar docemente. . . . Assim na vida,
Das horas de ventura único raio,
Echo final, só tenho dentro n'alma
Funda e bem funda a lugubre saudade.



Ingrata! immensas angustias
Por teu respeito soffri —
Que deade o solenne instante
Ea que na terra se vi
Fozo tantos hecos martyrios
Quantos momentos vivi

Porto—1818.

OS MEUS MARTYRIOS.

ESTRELLAS E ARAUCARIAS



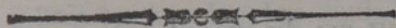
QUIZ um dia recordar-me
De teu fero desamor:
Do rigor dos teus caprichos,
Das mágoas do teu rigôr;
Quiz ver de quantos espinhos
Tu cingiste a minha dor.

Mas quem pode, n'este mundo,
Mágoas, sem conto, contar?
Quem conta á noite as estrellas?
Quem os rubis do luar?
Quem conta as conchas da praia?
Quem conta as ondas do mar?

*

Ingrata ! immensas angustias
Por teu respeito soffri —
Que desde o solemne instante
Em que na terra te vi,
Forão tantos meus martyrios
Quantos momentos vivi.


Porto—1848.



De teu lato desamôr ;
Do rigor dos teus caprichos,
Das mágoas do teu rigor ;
Quix ver de quantos espinhos
Te cingiste a minha dor.

Mas quem pode n'este mundo,
Mágoas, sem conto, contar ?
Quem conta a noite as estrellas ?
Quem os raios do luar ?
Quem conta as conchas da praia ?
Quem conta as ondas do mar ?

A CITHARA E O PLECTRO.

MALIA, quando nasceste
Aurea cithara formosa
Deo-te um anjo do Senhor:
Tu, nivea pomba, cresceste
Folgasã, bella, e mimosa,
Mas sempre isenta d'amôr.

A tua cithara d'oiro
Não a sabias tanger:
Era o teu melhor thesoiro
Que a ninguem deixavas ver.

Um dia . . . não te recordas?
Tinhas da belleza o sceptro
Entre as damas do festim:
Quizeste *ferir-lhe* as cordas,
Porem faltava-te um plectro,
Alvo plectro de marfim;

Tu sombria t'encostaste
A's columnas do salão —
Os olhos no chão cravaste,
A dextra no coração. . .

Fras prínceza na festa,
E nos jogos, nas folias
Ninguem, ninguem te ganhou—
Que tu, formosa, e modesta
Cá na terra então par'cias
Anjo que dos céus baixou.

Mal te vi, perdi-me logo,
Doidejei só de te ver:
Senti um vulcão de fogo
Dentro no seio a ferver.

.
Dei-te um osculo no rosto,
Abraçei-te. . . e os ternos beijos,

Os abraços ninguém vio ;
Mitiguei o teu desgosto,
Tu creaste os meus desejos,
Mas breve o tempo fugio.

E prolongava-se a dança,
As folias do festim ;
Crescia mais a folgança. . . .
Nunca vi prazer assim !

Nós, no festejo perdidos,
Entre os jogos despresamos
Dessa festa o resplendor :
Busquei teus olhos queridos,
E só nos olhos fallamos
Celestes fallas d'amôr :

A tua cithara d'oiro,
Ai de mim ! qui-la tanger. . . ,
Cedeste-me o teu thesoiro
Que a ninguém deixavas ver.

Levei-te por entre a dança,
Por salões, e corredores
Até onde. . . . nem eu sei !
E, bem longe da folgança,
Sobre alcatifa de flôres,
A tua lyra toquei.

Um e um os seus arpejos
Soarão no coração;
Paguei-te com doces beijos,
Minha fatal perdição!

O que eu toquei n'esse dia,
Que tão bondosa te vira
Não o toquei nunca mais;
Nem ea posso, nem quera,
Que o meu plectro n'outra lyra
Não tira sons divinaes.

A tua cithara d'ouro
Ai quem m'a mandou tanger?
Oxalá que o teu thesoiro
Jamais eu chegasse a ver!

Março — 1847.

A ESTRELLA E A CAMPA.

Ecoute le récit des peines que je sens!

M. DE LA LANE.

I.

ESTRELLA, oh! como ostentas melindrosa

Lá n'esses céus d'azul a còr da prata!

Brilhando assim, por noite bonançosa,

Como és pura e louçã, como és saudosa,

Oh estrella do céu, quanto me és grata!

Brilhas, como a doirada lantejo'la,

Como branqueja á noite alvo alabastro;

Da natureza a lucida aureóla

Joia melhor não tem, mal desenrola

A noite o manto seu brilhas, oh astro,

Oh luz d'amor , estrella de saudade ,
Facho da solidão , eu te bem-digo !
Quero ver-te a brilhar na immensidade ,
E, sobre as niveas azas da amizade ,
Mandar-te um beijo ao céu , chamar-te *amigo* !

Oh ! que brilho que tens ! cá sobre a terra
Posso ver-te a brilhar no mez d'Agosto !
Mas se chamo por ti , teu disco erra
Desces então do céu , tocas na serra ,
E nos montes d'além sómes teu rosto :

Socega ! que jamais irei saudoso
Com meus rogos d'amor importunar-te ;
Brilha , brilha nos céus sempre formoso ;
Eu não te chamarei , não , que amoroso
Quero ver-te a fulgir , quero adorar-te :

Não sabes quanto é grato ao pobre bardo
Ver-te a face gentil , formosa estrella !
Quanto é grato , ao largar das dor's o fardo ,
Ver tornar-se anilado um céu já pardo ,
Ver-te lusir alli ; dizer-se : é ella !

Quando te vejo assim , d'istante a instante ,
Mais cresce o triste amor que me devora ;

Tu m'a fazes lembrar, estrella errante,
Pois s'és da noite o astro mais brilhante,
Ella dos sonhos meus, o foi n'outr'ora,

Era meiga e gentil, como na terra
Nada tão lindo ha — *só ella... ou nada!* —
Mais linda que a luzinha lá da serra,
Que tudo quanto o céu no gremio encerra,
Mais linda do que tu, mais namorada.

Tu presumpçosa e louca, á noite escura,
Miras do céu teu rosto sobre as vagas;
Ella revio na lympha amena e pura,
De dia e noite a sua formosura,
Tu só durante a noite alli divagas.

Tu tens rivaes em toda a redondesa;
Milhões d'estrellas, n'essa côrte infinda,
Te disputão o brilho, a gentileza;
Eu com tudo o que tem a natureza
Ao compara-la, sempre a achei mais linda!

Porem ella morreo, na flor da vida,
Como a virente, a candida açucena
Cortada inda ao nascer. e aos céus subida
Roga por nós a Deus: virgem descida
Ella foi lá dos céus, não foi terrena:

Estrella ! tu se acaso o lindo rosto
Nas montanhas d'alem formosa occultas,
Lá surges á manhã, lá vens de gosto
A natureza encher, e em mez d'Agosto
— Fanal da solidão! — nos ceus avultas;

Mas ella dorme, á sombra dos cyprestes,
Sob a louza da campa, em soledade:
Seus mimos, sempre candidos, celestes,
Ei-los alli no pó... olha... são estes!
Ei-los aqui... por toda a eternidade....

Nunca me viste, em noite tenebrosa,
Vir aqui ajoelhar sobre esta louza?
Gritar... banhar de pranto a campa annosa,
Ai de mim!... té que voz mysteriosa
Do sepulchro me diz: *ella repousa!* —

Desce oscula-la á campa, radiante
Com teus raios de luz, oh minha estrella!
Vem... eu te deixarei beijar a amante;
Vem, qu'eu posso tão perto, e tu distante,
Tu, oscular-lhe a louza, eu, chorar n'ella.

Vem... dize-lhe depois que soffro tanto!
Que de continuo em vão por ella chamo:
Que lhe fallo d'amor... que vem meu pranto

Banhar-lhe este recinto sacro-sancto.
Dize que depois della a ti só amo!

Oh! sim: amo-te muito: hei-de algum dia
Tecer-te de verbena honrosa palma
Se escutares tão lugubre agonia. . . .
O brilho teu dos céus á terra envia,
Que Deus da terra aos céus chamou su' alma.

Porto 28 d'Agosto de 1847.

II.

Estrella! surges sosinha
Lá n'um céu de puro anil;
Vem reinar como rainha,
Estrella meiga e gentil!
Surges com face de prata,
Mas a noite t'a arreбата. . . .
Ficas oiro sobre azul:
Como é lindo ver teu rosto,
Assim por noites d'Agosto,
Quando não foges do sul
Oh! estrella scintillante,
Meu encanto e meu amor,
Mostra-me a face brilhante,

Com teu froixo resplendor:
Surge, surge, oh minha bella,
Pois sabes fallar-me *della*
N'essa tão sancta mudez:
— *Ella sumio-se da terra* —
Tu m'o dizes, e na serra
Te somes por tua vez!

Quanto mais perto t'anheço
Mais de mim vaes a fugir —
Nasces lá n'um céu tão bello,
E vaes em fogo luzir —
Vaes a raiar sobre o cinto
D'esse horisontal recinto,
Todo d'oiro, e de carmim:
Vaes e foges. . . . depois tornas,
Sempre o céu risonha adornas
Que teu brilho não tem fim.

E's tão bello, tão formoso,
Oh astro da solidão!
Oh lume mysterioso,
Arcano da criação!
Todo o mundo quer teu brilho,
Por isso vaes no teu trilho
Em toda a parte brilhar;
O Senhor assim t'o ordena,

Manda-te, estrella serena,
Outros mundos namorar. . . .

Mas espera! . . . Quanto és linda!
Quero ver-te, astro do céu,
Por essa saphira infinda,
Sem negro, ou nevado véu:
Mas vaes a terras estranhas,
E por choças e montanhas
Somes o rosto eternal:
Oh! não vás, que em terra alheia
Talvez tu pareças feia,
Tu, tão bella em Portugal!

Sumio-se! . . . oh luz d'agonia
Assim me deixas tão só!
Vem beija-la á campa fria,
De minhas mágoas tem dó:
Manda os teus raios celestes,
Por entre os verdes cyprestes,
Vem ah! vem luzir aqui;
Anda beijar-lhe o jazigo,
E dizer como eu lhe digo:
— « *Acorda; surge d'ahi!* » —

Tu fugiste; e peregrina
Lá surge a lua nos céus —
Vem, com a face argentina,

Mostrar os encantos seus. . . ;
Mas eu desprezo essa lua ;
Amo só a face tua ,
Só teu brilho quero ver :
N'essa saphira brilhente ,
Quero ver-te rutilante
Surgir , reinar e morrer !

Desprezo a lua , as estrellas ;
A côr do céu tão louçã :
Desprezo as nuvens tão bellas ,
Desprezo a linda manhã . . .
Desprezo orvalhos , e briza ,
E a lympha que se divisa
Banhando o lirio , a cecem :
Desprezo a campina , o prado ;
O pastor , o manso gado —
Desprezo as choças d'além.

Desprezo tudo que outr'ora
Com tanto amor adorei :
Desprezo o que o mundo adora ,
Amo tudo o que odiei :
Esta campa antiga e forte ,
D'estes cyprestes de morte
O taciturno docel ! —
Amo os mortos , a tristeza ,

Amo o horror da natureza,
Como... o Senhor d'Israel! —

Amo o silencio nocturno,
Quero ver morrer o sol:
Amo o mocho taciturno
E despreso o rouxinol;
Amo essa luz de saudade,
Que aqui, n'esta soledade,
Pende alli d'aquella cruz —
Quero aqui, sobre esta louza,
Onde *minh'alma* repousa,
Prostrado dizer: « *Jesus!* » —

Gosto de beijar a terra,
E sobre *ella* soluçar;
Ver o sitio onde s'encerra,
A' froixa luz do luar:
Gosto até de minhas dôres,
Lembranças dos meus amores,
E de ler o nome seu!
Quizera abrir-lhe o sepulchro,
Ver seu rosto alegre e pulchro,
E dizer-lhe: — « *Olha... sou eu!* » —

Mas a lua recatada
Com seu aureo, argenteo véu —
Já fugio apressurada

Com as estrellas do céu;
Volta oh noite: eu quero vê-la,
Quero amar a *minha estrella*,
Que só com ella vivi:
Não quero o fulgor da aurora
Que, se toda a gente a adora,
Eu vendo-a, digo: — « *morri!* —

31 d'Agosto.

III.

Quando, estrella formosa, descias
Té ás verdes, gentis serranias
Da saphira tão linda dos céus,
Assentei-me nas penhas erguidas;
Quiz fazer-te as finaes despedidas,
Quiz n'um beijo d'amor, dar-te a *Deus!*

Tu fugiste louçã e medrosa,
Como virgem d'amor vergonhosa,
Que do timido amante fugio:
O teu brilho d'estrella-rainha
Mal apenas luzido lá tinha,
Nas montanhas d'além se sumio:

Fui depois, pelas verdes campinas,
Vêr banhar as mimosas boninas

Mil ribeiros gentis de crystal —
Fui colher a nevada açucena,
Fui, nas sombras da noite serena,
Apanhar as violas do val!

E colhi a formosa saudade,
E a florinha colhi da amizade,
E o nevado, odorante jasmim:
Colhi cravos, e lírios e rosas,
Madresilvas gentis e cheirosas,
O cheiroso, virente alecrim;

Fui por montes, e serras e penhas,
Por campinas, e prados e brenhas,
A colher alga flor que lá vi. . . .
Té a florinha louçã das montanhas
Apanhei, n'essas terras estranhas;
Té os goivos da campa colhi:

Fui da hastea da vida arranca-las,
Vim na louza da morte estolha-las. . . .
Vim aqui seu aroma espalhar —
Vem, estrella, brilhar entre estrellas,
Com teus raios, teu brilho aquecê-las. . . .
Com meu pranto as virei rociar.

10 de Setembro.

IV.

Sobre estas penhas erguidas ,
Estrella, vim-te esperar ;
Mas as nuvens denegridas
Por esses céus espargidas,
Não te deixão scintillar.

Tu não vens, oh minha estrella,
Fulgurar n'um mar d'azul !
Temes a negra procella ?
Encrespa-te a face bella
O fero sôpro do sul ?

Brilha o raio, na tormenta,
Logo rebomba o trovão —
Que á tempestade accreenta
Frio horror, que mais s'augmenta
C'o brado de *compaixão* !

Eu não rezo. . . . desgraçado !
Minhas rezas esqueci —
N'este sepulchro sagrado
Crença e tudo ! afferrolhado
Tudo que tenho está 'qui. . . .

Mas ás vezes no meu canto,
Nos meus versos sei rezar !

Mando ao numen sacro-sancto,
Como rezas o meu pranto,
Como crença o meu pesar!

Surge, estrella, que surgindo
Tu reinarás lá nos céus —
Vem mostrar teu rosto lindo;
Vem vê-la, no somno infindo,
Acalentada por Deus!

V.

Estrella! que é de ti? Já não fulguras,
Com teu froixo clarão, lá nas alturas,
Como até 'qui brilháras tão gentil?
Que é de ti, minha estrella' onde te occultas?
Com meu pesar, meu pranto acaso exultas?
Porque não vens brilhar n'um céu d'anil?

Mas ah! talvez tu brilhes mais sombria,
Até que expire alfim a luz do dia,
Sobre a lucida faixa occidental!
Tu és da noite o seu melhor thesoiro,
Mas em doirada faixa aljofar d'oiro
Sumido foi talvez n'esse oiro igual;

Quero esperar que a noite s'adiante,
Que luzas lá no céu como brilhante

Cabido d'um divino resplendor!
Mas a noite lá vem... eis as estrellas...
Lá surge a lua alfim no meio d'ellas...
Tu só não vens reinar com teu fulgor!

Quantas vezes eu vi, mesquinho e louco,
A faixa do horizonte a pouco e pouco
Ceder a côr do ouro á do carmin!
E depois despar'cer quando fugias,
Ficando-lhe as erguidas serranias,
Como enluctada faixa de nanquin:

Quantas vezes te vi por noite amena,
A brilhar lá nos céus, linda e serena
Como candida alampada eternal!
Tu fallavas d'amor, risonha estrella!
Trazias-me sequer lembranças d'ella —
Vinhas vê-la na louza sepulchral!

Quantas vezes não vim apressurado
Sobre esta fria campá recostado,
Aguardar que luzisses n'esses céus!
E tu meiga e louçã, vinhas tão triste
Dizer-me em teu fulgor: «Olha: ella existe,
Lá n'essa côrte infinda aos pés de Deus!»

Quantas vezes tambem não vi teu rosto,
Lá por noite formozá, em mez d'Agostó,

De lindo veu toldado em céus d'anil!
Oh! como eu te seguia n'essas eras,
Até que pelas serras te esconderas
Indo brilhar no mar, sobre esmeril!

Mas hoje que é de ti? Aonde ingrata,
Onde levaste o brilho e a côr da prata?
Teu rosto pelos céus não mais reluz!
Fugiste; e assim tão só me abandonaste?
Bemdito oh Deus! que apenas me deixaste
Na campa a crença, os olhos n'essa cruz!

1.º de Outubro.

A TORRENTE.

(A' Exm.^a Sr.^a D. C. Amelia Coutinho.)



LHA... não vês, além, como a torrente
Por ingremes rochedos despenhada,
Salta, e resalta, com fragor ingente,
E foge apressurada?

Repara, e vê, ao longo das campinas,
Como agora, a teus pés, geme saudosa,
Por entre a verde relva, entre boninas,
Descendo vagarosa:

Depois . . . olha , lá vae sumir as agoas ,
Com tão lugubre som , tão gemebundo ,
Por esses areas , entre essas fragoas ,
No pélago profundo !

Imagem da existencia ! — Assim a vida
Por penhas tem acérbos dissabores ,
Por tapete gentil d'herva florida ,
Por boniñas — amores.

Tambem — ai triste ! — ao cabo da existencia
Fundo abysmo sem fim negrejar vemos ,
Negro , negro . . . é a campa ! — Da innocencia
Ah ! foge , foge e amemos.

Coimbra 6 de Janeiro de 1848.

Depois...
Com seu jugo...
Por esse...
No péago profundo!

Imagem da existência! — Assim é vida
Por penhas...
Por...
Por... — amor.

À BANHEIRA.

Também...
Fundo...
Negro...
Ah! logo, logo e animos.

Columba é do lancio de 1818.

Eou filha das ondas, formosa banheira,
Nascida entre penhas á beira do mar:
De dia nas vagas eu brinco fagueira,
A's noites namoro da lua o luar!

Quando ella fluctua por noite formosa
Envolta em seu manto d'argenteo fulgôr,
Quando ella de gosos me falla orgulhosa,
Eu, filha das ondas, sorrrrio d'amor!

Sorrio. . . o sorriso da pobre banheira
E' como ardentia nas ondas do mar. . .
E matão seus olhos se os ergue fagueira,
Se os baixa travessos á luz do luar.

Porem, se das vagas a virgem formosa
Do astro das noites adora o fulgôr. . .
E' livre. . . Das praias princeza orgulhosa
Aos filhos da terra não vende este amôr.

Não vende. . . innocente, risonha a banheira
Vae ver seus incantos, banhá-los no mar,
E, ás noites nas praias cantando fagueira,
Não córa de pejo da noite ao luar.

Da face crestada na cutis formosa
Revê-se-lhe d'alma celeste fulgôr;
S'ngelos vestidos só traja orgulhosa,
Não compra com galas estúpido amôr.

Bem longe dos homens, a lèda banheira,
E' livre, mais livre que as ondas do mar;
Se em festas acaso se mostra fagueira,
E' mais namorada que argenteo luar.

D'altivas cidades a dama formosa
Que ostente de joias mentido fulgôr. . . .

Ostente... que eu zombo da nescia orgulhosa,
Por ellas não troco, não troco este amôr....

Oh! nunca, que os gosos da pobre banheira
Não podem pagá-los as joias do mar....
De todos os nobres a vida fagueira
Não vale uma noite passada ao luar!

S. João da Foz — 1849.

OS DOIS CYSNES.

(Ao meu amigo Antonio Fructuoso Ayres de Gouvêa-)

CRÃO dois cysnes — no verdôr das selvas,
Ao som de claras agoas,
Ambos alegres, ao nascer da aurora,
Seus carmes lhe trinavão — descontentes
Carpião suas magoas:

Soberbos ambos esvoaçavão ledos

Por entre as lindas flôres:

Ambos, nadando no sereno lago,

Orgulhosos, banhavão suas plumas,

Em delirio d'amôres:

E ninguém separá-los pertendesse
Que era baldado intento —
Juntos as magoas d'um sentião ambos;
Vivião ledos — ignorando ainda
Da saudade o tormento.

Mas um dia raiou (funesto dia!)
Aurora da *partida* —
Um d'elles do *Mondego* aos densos bosques,
Aos verdes salgueiraeas, foi solitario
Contar magoas da vida!

Perdeo a doce voz — matou-lhe o canto
Asperrima saudade:
Sósinho ao pôr do sol, sósinho ás noites,
Ou d'aurora ao fulgôr, vagava triste
Por erma soledade.

Margens formosas do seu patrio Doiro,
Lobregas penedias,
Erguidos montes, solitarios bosques,
Mais, e mais á lembrança lhe trazião
Da infancia amênos dias.

Ao companheiro. . . não! Esse mais ledos
Na lympha da corrente,
Nos jardins d'esmeralda, em céu d'amôres,

S'espanejava airôso, e rei dos bosques
Trinava alegremente!

Canções que elle cantou d'amor nascidas,
Nascidas da ventura,
Oh! que lindas não são! — Ninguem na terra
Mais harmoniosos carmes escutara,
Mais languida brandura.

Mas um dia o cantor volveo do exilio,
Das margens do Mondego,
Do companheiro aos bosques: mas sombrio
Em turbida corrente, a vida arrastra
Em duro dessocego!

Chegou. . . embalde chama: no deserto
Expirão seus clamores,
Que altivo o companheiro, abrindo as azas,
Com vôo d'aguia foi, aos pés do Eterno,
Tecer os seus louvores!

E o cysne solitario apenas ousa,
No seu viver tyranno,
Boiar em pobre lago. . . — mas sobre elle
Campêa o espaço immenso, e ao longe brame
O tumido Oceano!

QUE FIZESTE!

M beijo teu, na terra, entre a procella,
E' luz d'esp'rança ao nauta no deserto
D'encapelladas ondas; meiga estrella
Ao desterrado, que, com passo incerto,
Busca por ella, a natalicia terra;
Um beijo teu. . . . mas, doida, que fizeste?
 Não sabes, malfadada,
Que n'um beijo d'amor tu me perdeste?
 Que tens em dura guerra,
De lutar contra mim, ou bondadosa,
 Por penhor d'affeição —
Matar-me a cada instante com teus beijos
Doces desejos, ou cruenta e irada,
Aos meus pedidos responder-me, não!

Vou mandar-te o meu recado
Nas asas d'um estalim,
Que te haque apresentado,
E uma nuvem de mandado,
Porém não, que'elle amoro,
Ao ver teu rosto formoso,
Oh! talvez... e en souzoso,
Lá não quero o chetinho.

Vou mandar-te o meu recado,
Que anda d'um estalim,
Qual bella sacerdotisa,
No santuario a rezar,
Mas não, que ao ver-te tão pura,
Pôde robar-te a candura,
Incitar-te a ser preta,
Ensinar-te a vertice!



FAMILIA! quem lá te dera
Um beijo do trovador!
Quem de ti cá me trouxera
Meigo sorriso d'amor!
Quem matasse esta incerteza,
Das saudades a tristeza,
Quem matasse esta fereza,
Estes requintes de dôr?

Vou mandar-te o *meu recado*
Nas azas d'um serafim,
Que te busque apressurado,
N'uma nuvem de marfim:
Porem não, qu'elle amoroso,
Ao ver teu rosto formoso,
Oh! talvez. . . e eu sou cioso!. . .
Já não quero o cherubim.

Vou mandar-t'o pela brisa,
Que anda nos ceus a cantar,
Qual bella sacerdotisa
No sanctuario a rezar:
Mas não, que ao ver-te tão pura,
Póde roubar-te a candura,
Incitar-te a ser prejura,
Ensinar-te a variar!

Vou mandar-t'o, minha bella,
Por um astro lá dos céus:
Vou. . . mas não! que póde a estrella
Ao ver os agrados teus,
Ter ciume, e de raiyosa
Crestar-te a face mimosa;
A côr da neve e da rosa,
Roubar-t'a c'os raios seus.

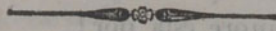
Eis lá corre pelos ares
Ligeira nuvem gentil ;
Vou mandar-te os meus pezares
Dentro em seu gremio d'anil :
Ah ! corre , corre apressada ,
Vae buscar a minha amada ,
Ao achá-la, socegada
Dize-lhe entre aflagos mil :

— « É elle que a ti m'envia ,
O teu pobre trovador ;
Entre as magoas da agonia ,
Dá-te um osculo d'amor . . .
Vae e volta n'um bafejo ,
Trazendo-me d'ella um beijo ,
Com que mate este desejo ,
Com que minore esta dôr !

Mas não vás importuná-la ,
E rasgar-lhe o coração ;
Vôa antes procurá-la ,
Sobre as azas d'um tufão :
Pousa-m'a depois mais leda ,
N'esses teus braços de seda ,
Entre as sombras da alameda ,
N'esta triste solidão !

Não: corre, corre co'o vento —
Lá pelos campos dos céus;
Quero soffrer meu tormento,
Soffrer os desgostos meus —
Que tu, oh nuvem, ao ve-la
Tão innocente, tão bella,
Tu fugias-me com ella,
Ias levá-la ao teu Deus!

17 de Fevereiro 1848:



Oh! não duravas, que o teu somno
 Que esse letargo é tanto; e se duravas
 Acorda, sobre a terra litoral,
 Vem reinar, oh Portugal,
 Vem, e esse abysmo profundo
 Vem d'clarar as leis do mundo,
 Vem colher novos laureis...

A MINHA PÁTRIA

Empunha a leoparda
 E destrõe, destrõe, destrõe,
 Validos, servir, e resistir
 Foi o teu...

(Imitação.)

Não te espuezas d'esse dia
 Em que Roma desmanchou
 Quando, ás tuas pharalhas
 A fronte no chão arrojou
 Quando as agulhas
 Dos corceis nos pés calchabas...



PÁTRIA! tu dormes? O pèzo
 Não te opprime dos grillhões?
 Não sentes seu vil desprêso,
 Tu, a flor das mais nações?!
 Foste vaidosa rainha
 Do mar, que a custo sustinha
 Teus soberbos mastarésus!
 Hoje dormes descaçada,
 Dormes na campa adornada
 Com teus antigos trophéus.

Oh ! não durmas , que o teu somno ,
Que esse lethargo é fatal :
Acorda , sobre aureo throno ,
Vem reinar , oh Portugal .
Vem , d'esse abysmo profundo ,
Vem dictar as leis ao mundo ,
Vem colher novos laureis . . .
Empunha a ferrenha adaga ,
E destróe , derruba , esmaga
Valídos , servos , e reis !

Não te esqueças d'esses dias
Em que Roma desmaiou !
Quando , ás tuas galhardias ,
A fronte no chão curvou :
Quando as aguias arrastradas ,
Dos corceis aos pés calcadas ,
Baquearão lá dos céus ;
Quando á tua voz , o solio
De *Romulo* — o *Capitolio*
De pavôr estremeceu .

Oh ! não risques da memoria
D'*Ourique* os verdes laureis ,
Quando a palma da victoria
Arrancaste a extranhos reis :
Quando do Tejo a rainha

Baqueou — quando mesquinha
Sanclarem se fez christã;
E, com valor jámais visto,
S'ergueo o pendão de Christo
Entre os escravos do Islam!

Lembre-te o sangue vertido
Lá nas praias d'alem-mar,
Quando o povo destemido
Foi *por ti* a batalhar!
Onde jaz hoje esse brio
Que, nas muralhas de Dio,
Mostraste ao mundo — onde está?
Qu' é da lança, que escrevia,
Em cada pedra que erguia,
— Portugal e Jehovah! —

Então eras tu valente,
Eras leão entre mil,
Qu' um só d'entre tua gente
Não sonhára um feito vil.
Foi então qu'entre as tormentas
Abrindo o mar... apresentas
Novos mundos, novos céus...
Lisboa é do mar princeza,
Perde a soberba Veneza
O sceptro dos escarcéus.

Foste um *povo de Romanos*,
Do mundo altivo leão;
Hoje, escravo dos tyrannos,
Nem te peza a escravidão!
Que fazes da antiga fama?
Manchas os loiros d'um *Gama*?
Manchas d' *Abmeida* os laureis!
Caças a c'roa d'um *Castro*!
E' que dos povos o astro
Sumio-se, brilha o dos reis!

Patria! Patria! que delicta
Te veio assim esmagar?
Nem da *maldição* o grito
Tu podes livre soltar!
Não podes, não, que o verdugo
Mais ferreo te aperta o jugo
Que te comprime a cerviz. . . .
Abranda as iras do Eterno;
Oppõe ás tramas do inferno
Um novo *Mestre d' Aviz*!

Mas se primeiro o teu crime
Com sangue s' ha-de remir,
Se do jugo que te opprime
Te has-de livrar no porvir —
Se a *victima expiatoria*,

Pode dar-te nova gloria,
Reverdecer teus laureis —
Verdugos! alçae o ferro,
Alçae, que da patria o erro
Com *meu sangue* apagareis.

Porto — 1849.

O LIVRO DOS ASTROS



Este livro é o primeiro de uma obra que se chamará O Livro dos Astros. A obra é dividida em três volumes. Este volume contém a introdução e o primeiro livro. O segundo volume contém o segundo livro e o terceiro volume contém o terceiro livro. A obra é dedicada ao Sr. D. João de Deus, Bispo de Évora.

O LIVRO DOS ASTROS.



PENAS o dia expira
Amostra a noite nos céus,
O seu livro de saphira
Alli *traçado* por Deus:
Tem uma folha somente —
Em cada letra luzente
Cem *mysterios* eternaes:
Não sei o que tem escripto;
Porem n'um livro infinito.
Muito lerião mortaes.

Letras, que tem, são *estrellas*;
Cada letra um *mundo* é;
— Eu crio no fogo d'ellas
O fogo da minha fê:
No mais não sei entendê-lo. . . .;
Pasma d'extatico ao vê-lo,
Mas decifra-lo não sei:
Não sei, nem quero — na terra
Mysterios, que o livro encerra,
Eu por mim nunca os lerei.

Nunca os lerei — e no mundo
Quem os sabe decifrar?
Só no seu roncar profundo
M'os diz de continuo o mar. . . .
Elle sim: mas quem n'ó entende?
Oh! quem das ondas compr'ende,
Soberbo, eterno pregão?
Fu não, que só leio n'ellas,
Só me dizem as *estrellas*;
— « *Creador e criação!* » —

Decifra-m'ó a tempestade
No soprar do vendaval;
O trovão na immensidade,
M'ó diz com brado infernal:
Mas quem sabe o qu' elle falla?
Do trovão, que ao longe estalla,

Quem compr'ende átro clamor?

— A mim, dizem-me as procellas,

Os escareéus, as estrellas,

— « Creação, e creador ! » —

Mas quando, ás noites s'escuta

Do mar altivo pregão ;

Quando o céu todo s'enlucta,

E brilha a luz do trovão ;

Quando contemplo abysmado

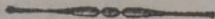
D'immensos soes semeado

O campo immenso dos céus —

Pasmo. . . . do infinito a imagem,

Diz-me em extranha lingoagem :

— « Tudo que vês não é Deus ? »



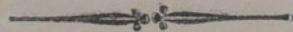
A' MINHA LYRA,



QUANDO nasci deo-me a lyra
Lindo archanjo do Senhor,
Dizendo-me: « Tem trez cordas;
N'uma d'ellas canta amor,
Na segunda a patria tua,
Na terceira o Redemptor. »

Eu peguei da lyra d'oiro
Doces canções entoei;
Cantei d'amor as delicias,
D'amor as penas cantei;
As glorias da minha patria,
O meu Deus apregoei.


Hoje ainda a pobre lyra
Canta os mysterios d'amor ;
Canta as victorias da patria,
Canta os dons do Creador ,
E já que a lyra assim canta
Bemdito sejas , Senhor !



— 121 —

Quando, ao longe das campinas,
Viste sereno vibrar
A trinar canções divinas,
De divino cançãoeiro,
Nunca choraste de dor?
E ao regato, que gemia,
Contaste a tua agonía,
As penas do teu amor?

Quando formosas estrelas
Em ondas d'aur boreal
Jansis se v'iam a brilhar,
Do pezar que t'inimava
Uma saudade nascera?
Não gemeste d'anguina?
Não contaste a tua dor
Aos lindos astros do céu?

o nascer puro e viçoso
De lindo, sereno dia,
Nunca foste pezaroso,
Ao alto da serraia,
Um nome ás serras contar?
E, curvado ao pé do monte,
Ao sol, que luz no horisonte,
Tuas magoas confiar?

Quando, ao longo das campinas,
Viste sereno ribeiro
A trinar canções divinas
De divino cancioneiro,
Nunca choraste de dor?
E ao regato, que gemia,
Contaste a tua agonia,
As penas do teu amor?

Quando formosas estrellas
Em ondas d'azul tremião,
Jamais ao vê-las tão bellas,
Do pesar que t'infundião
Uma saudade nasceo?
Não gemeste d'amargura?
Não confiaste a ternura
Aos lindos astros do ceu?

Nunca sentiste d'amores
Tremar, estallar teu seio
Ao ver as viçosas flores
Enlaçar-se em doce enleio,
E não lhe disseste assim:
— « Oh ! essa cor, tal lindeza
Recorda-me a gentileza
De formoso cherubim? »

Quando, por noites d'inverno,
O raio nos céus luzia,

E o trovão, qual voz do inferno,
Longe, e ao perto rebramia —
Não sentiste igneo voeão?
E, nas lages da calçada,
Poisaste a fronte abrazada,
Congelaste o coração?

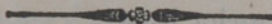
Jamais, por entre folias,
Divagando como espectro,
Onde, em throno d'alegrias,
A ventura empunha o sceptro —
Sentiste magoas d'amor?
E ao vê-la assim nas folganças,
Voar em ligeiras danças
Não estallaste de dôr?

Vendo no campo da morte
Alvejar rasteira lousa,
Nunca, abraçando, em transporte,
A cinza que alli repousa,
Foste, em segredo chorar?
Não te lembraste que um dia,
Tambem assim dormiria
A virgem do teu sonhar?

Se tal é... nunca adoraste...
Foste sempre malfadado!
Doido, no mundo vagaste,

Como sombra de finado,
Como rei dos mausoleus !
Nem tens vida, nem tens alma,
Que do soffrimento a palma
Mata o homem, cria um Deus !

Porto — 1848.



Fui ditoso: — caístei no pobre 1772.
Flores espantadas, languidos amores;
Hoje o bardo, que triste anda suspirando,
Tem o chibancos de pungentes dores.

Caíste-o; sim: — da 1772 as debas corras
Desperdicou m'as a fatal desgracia!
E que m'importa; de espulchro as portas,
Liberte o sel em venenosas taças?

Mais um martirio... do cypreste a palmas

O LAUREL DO BARDO.

Estalado d'augusta o acio d'alma
E que martirio, que m'importa a vida?

Agora, perdido... E no fragor da guerra
Não perde o leito os membros mullados?
E o martirio, é loz da patria terra,
Não succumbe nos nart's encapellados?

Elles vivem... tu gomes, vii cobardes!
Pois-me c'roado emfim: virentes loiros

Não me adornão o rosto macerado;
Loiros, ceifados ao troar dos peloiros,
Esses não — são da frente do soldado.

O laurel, que ceifei, é mais brilhante;
A c'roa do infeliz é mais augusta;
A da guerra é de sangue gotejante...
Mas a d'espinhos lagrimas só custa!

Fui ditoso : — cantei na pobre lyra ,
Doces esp'ranças , languidos amores :
Hoje o bardo , que triste inda suspira ,
Tem o diadema de pungentes dores.

Ceifei-o , sim : — da lyra as debeis cordas
Despedaçou-m'as a fatal desgraça !
E que m'importa , do sepulchro ás bordas ,
Libar-lhe o fel em venenosa taça ?

Mais um martyrio . . . do cypreste a palma ,
Uma illusão n'um tumulo perdida !
Retalhado d'angustia o seio d'alma
Entre martyrios , que m'importa a vida ?

Anjo , perdi-te . . . E no fragôr da guerra
Não perde o forte os membros mutilados ?
E o marinheiro , á foz da patria terra ,
Não succumbe nos mar's encapellados ?

Elles riem . . . tu gemes , vil cobarde !
Porque perdeste da existencia a *es'cella* ?
Não chores , não , que sentirás , mais tarde ,
Outro amor , dos martyrios na procella .

Folga . . . do amor a corda está quebrada ,
A da *crença* tambem ei-la perdida . . .
Mas a da *patria* , oh ! não , que abandonada
Será só quando me abandone a vida .

LEONARDO.

(Romance marítimo.)



ENCAPELLADO o mar, bramindo altivo,

Açoita as nuvens, no luctar contínuo

Das enerespadas, marulhosas vagas:

F, do mar á mercè, navega ao-largo

linda, veloz galé. *fluctua airosa,*

Desenrolada ao vento das procellas,

Dos *catalães* a tumida bandeira:

E do sol ao fulgôr nos altos mastros,

Na pôpa e tombadilho lá fulgurão
Açacalados ferros; pela enxarcia
Zumbindo o furacão enfuna as vellas;
E as encrespadas ondas sobem, saltão
D'estibordo a bombordo. . . . Oh! que é sublime
A procella no mar, quando o marujo,
Entre a immensa extensão d'immensas agoas,
Não vê, em torno a si, mais que um sepulchro:
Das manobras o som — os ais, os gritos,
A celeuma dos nautas vão perder-se
No bramido das ondas. . . . Não s'escuta
Mais que o brado solemne da tormenta!

Bem junto da amurada, pensativo
Gentil mancebo está: não longe d'elle,
Co'a ferrea espada se diverte alegre
Formosa dama, no verdor dos annos,
Linda, como luar d'argentea lua
Doirando da galé a longa esteira;
Mais pura do que a estrella d'alvorada
A brilhar por manhã de primavera.
Oh! quem a visse alli, no longo oceano,
Como aljofre a boiar ao som das ondas,
Só por fagueiro olhar d'aquelles olhos,
Por branda, doce falla de piedade,
Por um sorrir d'amor lhe dera a vida.
Mas ella, d'um marujo meiga esposa,

Adora a luz do raio; e das procellas
Ao feroz estampido, á voz dos mares,
Ao ver as nuvens, lá n'um céu de trevas,
Como c'roa do nauta, amontoadas
Entre medonhas, denegridas sombras,
Sorri-se desdenhosa, que o sepulchro,
Que os derradeiros trances da agonia
Gratos lhe forão junto do consorte.

Leonardo tambem mais a adorava
Do que aos virentes loiros da victoria:
Era-lhe a voz da esposa mais suave,
Mais doce, que o bramir das crespas ondas:
Adorava-a tão eego, como adora
O misero, que soffre, a paz dos vermes,
A grinalda de goivos d'uma campã.
— Inda ha pouco, ante as aras sacro-sanctas,
Com nevados festões d'alva açucena
Da virginal esposa a fronte ornára!
Inda ha pouco. . . . Infeliz! e já tão cedo
Fã guerra no furor, á voz da morte,
Qual gigante soberbo do oceano,
Ei-lo que vae altivo, como o raio,
Novos loiros ceifando destemido,
De *Génova* o pendão samir nas vagas!

Sonhos d'ingano, que adejaes risonhos
Em torno do infeliz: doces chymeras

De phantastica luz, de meiga esp'rança,
Fugi, deixae-o a sós: — deixae que o triste
Espraie inda uma vez olhos e vida
Pela vasta amplidão das vastas ondas!
Deixae que á patria, no sorriso extremo,
Da meiga viração nas pandas azas,
Envolto n'alma envie o *adeus* da morte...
Oh! deixae-o apertar, d'encontro ao seio,
D'encontro ao coração, a meiga esposa,
Anjo de paz e amor, que ha-de perder-se,
Que ha-de sumir-se, despar'cer bem cedo,
Como a florinha do volcão tismada
Entre os estragos de sangrenta guerra!
— Oh! folga, folga alegre, que o sepulchro,
Das crespas agoas no retiro eterno,
E' sempre grato ao pobre marinheiro!

O mancebo estremece, e os olhos lança
Pela extensão das vagas que, bramindo,
Em torno da galé fervem soberbas!
Mudo, immovel ficou. Co'as negras azas
N'alma lhe adeja horrivel pensamento;
Arfa-lhe o seio ardente, e em fogo, corre
De veia em veia, transformado o sangue!
Do ciume o furor, d'amor as chammas,
Lh' offuscão da razão celeste fogo...
Vê na mente, em delirio, a triste esposa,
Da escravidão os ferros arrastrando,

A's plantas d'um senhor curvar a fronte,
Ouve-lhe os ais d'angustia, e vê nas faces
I'm longo fio a deslizar-lhe o pranto. . . .
— Gotas d'orvalho na cecem mimosa. —
Treme. . . . ao peito, em furor, estreita a esposa
Entre os robustos braços, qual s'enrosca
Na columna quebrada, em ermos sitios,
Venenosa serpente:

« Esposa, esposa,
(Fille lhe diz) não sabes? dentro n'alma
Negro, horrivel presagio me atormenta! . . .
Olha. . . . não vês já perto navegando
De *Salagro* as galés, onde soberbo
O pendão genovez tremúla ao vento? . . .
Vamos lutar. . . . De morte horrivel luta
Vae reinar junto a nós; o sol da aurora,
Qu' inda a furto transluz ao rez das agoas,
Ha-de ver espumar sangrentas ondas,
Ouvir do moribundo o arranco extremo,
A grita das batalhas. . . . Ha-de, oh bella,
Talvez. . . . quem sabe? . . . ver boiar nas vagas
Do esposo teu o inanimado corpo. . . .
E. . . . (tormento do inferno!) aos pés d'um tigre
Da c'roa d'*innocencia*, que te adorna,
Seccas, dispersas as mimosas flores. . . . »

Ignez tremeo: — o rosto melindroso
O anjo do pezar veio toldar-lhe

Com denso espesso véu, em mar de gelo
Desbotando-lhe as rubras, lindas rosas...
— «Esposo (ella lhe diz com voz sumida)
Se entre nós e o futuro se alevanta
Uma tumba de morte, ao menos juntos
Iremos ambos, sim, á eternidade!»

Mais queria dizer, — á flor dos labios,
Veio o pranto embargar-lhe as doces vozes:
Ergueo as mãos, no céu os olhos fita,
E junto ao meigo esposo, — como a virgem,
De Thabôr, ante as aras, — ajoelhando,
Aos céus envia fervorosas preces...
Reza e reza: o rezar consola o triste!
A oração do infeliz é tão suave,
Como a bonança a dissipar as trevas,
As densas, negras nuvens da tormenta.

Porem já lá vem perto empavezada
De Sa'agro a galé: o vento enfuna
As espaçosas vellas, sibilando
Por entre a enxarcia com bramido horrendo...
No tombadilho, e vergas, nas antennas
Apinhados de *Genova* os marujos,
Rija cefeuma aos céus envião ledos;
A' c'roa da victoria sacrificio
Braços e corações... O mar resalta
Em torno da galé, co' a branca espuma
Agoitando o velame, e os altos mastros.

Segue-a não muito longe a nobre armada

Do altivo genovez,

— « A' guerra! á guerra!

Eia! marujos, da victoria os loiros

A quem valente batalhar comigo,

E as salsas ondas escolher por tumba!

Vergonha eterna ao misero cobarde

Que aos ferros d'um senhor off'rega os pulsos!

Disse: e valente se arremeça altivo,

Beijando a esposa, que assustada treme,

Dos *catalães* ao centro: ferreas machinas,

Entre nuvens de settas, vomitando

Por toda parte a morte, horrivel brado

Vão confundir das ondas co' o bramido!

Unidas as galés, tocão-se as vergas,

As vellas d'ambas; e o tinir dos ferros,

O sibilar das pedras, os gemidos,

As preces da *maruja*, o horror e a morte

Reinão por toda a parte em densas trevas!

O espaço rasgão mutilados membros,

E em sudario de sangue amortalhados

Arquejão no convez sangrentos corpos.

Tudo é perdido. . . . Chovem, como raios,

Os guerreiros de *Génova* nas vergas,

Antennas, tombadilho! . . .

«E' tudo escravo. . . .»
Tudo é nosso, soldados; do triumpho
A aurora, que raioi, nos trouxe a c'roa.»
Salagro assim bradou, e, destemido,
Como o cédro no meio das montanhas,
Ao vencido infeliz roxea os pulsos
Co' os pezados grilhões do captiveiro!
Cancado de lutar, junto da esposa
Leonardo correu: — «Perdido é tudo!»
Ignez, querida Ignez! . . . — «'Tudo é perdido?» —
Ella repete, e dos formosos labios
Brando sorriso lhe fugio fagueiro,
Mas triste, como a hora do crepusculo,
Como extremo fulgor da luz do dia. . . .
— «*Perdido é tudo!*!» — e co' os nevados braços,
— Nivea cadea de formosos lirios —
Quer estreitar ao seio, em doce abraço,
Seu caro esposo; mas em vez do seio
Junto do coração lh' encontra um ferro. . . .
Grita. . . . estremece: — e o rosto, já coberto
Da pallidez da morte, encosta á face
Do perfildo assassino. . . . — «Esposo, esposo,
Alma d'est'alma, assim me deste a morte?
Na flor da vida. . . . como abraço extremo.
Disse, e, n'elle fitando os ternos olhos,
N'um ultimo sorrir, na voz da morte,
Esposo, inda repete e cae e expira
Balbuciando a custo: «*esposo! esposos!*»

Immovel, como a pedra d'uma campá,
No corpo da infeliz os olhos crava
O misero amador. A' flor do rosto
Do desespero e raiva a luz lhe brilha. . . .
Estremece. . . o semblante é fogo e sangue. . . .
Tremem-lhe os membros, tremem-lhe na fronte
As alterosas, encruzadas veias!
Chorou em fim, e o ferro ensanguentado,
Arrebatando da consorte ao peito,
Aponta ao coração: — « *Esposa! esposa!*
Anjo, — fui n'este mundo o teu verdugo. . . .
Serei escravo teu na eternidade! »
— Disse. . . e porem ás crespas, salsas ondas
Do vencedor a espada, d'um só golpe
Antes que o ferro ao coração chegasse,
Ensanguentado lh' arremeça o craneo. . . .

Entre os gemidos do infeliz vencido,
No bolicio das ondas emballados
Deixae dormi-los, que no somno eterno,
Na paz do tumulo, em sonhar d'amores,
Não gemem tristes c'os vergões d'escravos,

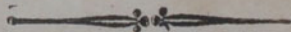
FIM.


Imovel, como a pedra d'uma campina,
No corpo da talha os olhos e tras
O musco amarello. A flor do rosto
Do descepo e trave a luz da pallida
Extremos... o semblante d'levo e sangui-
Trem... os membros, tremendo na fronte
As alturas, curvadas e tras!
Chorou em fim, e o ferro ensanguentado,
Arrebatando as cometas ao peito,
Aponta ao coração: — « Espora! espora!
Ajo, — fui v'ra quando a teu coração,
Gostei de ser teu na eternidade!
— Disse... e porcos se crepas, salta ondas
Do tenebroso e escura, d'um só golpe
Antes que o ferro ao coração chaves,
Enfuzentado lh'arrastava o cráneo...

Entre os gemidos do húbil e trancido,
No balcão das ondas emalhadas
Dezas horripilias, que no somno eterno
No paz do mundo, em sonhar d'um
Nho ficavam tristes e os seções d'extremo

Não obstante termos tido algum cuidado com a revisão das *provas*, não podemos todavia evitar alguns erros typographicos, cujos principaes aqui apontamos.


Pag.	Versos.	Erros.	Emendas.
13	7	christão	christã
34	20	bella e contente	bella, innocente
36	22	como o raio	como o raio,
55	6	á soidão,	a soidão,
59	8	cinzel?	cinzel.
159	5	arreigar-me	ameigar-me
"	12	niveos	meigos.





certo typographico, cujos principaes apas apontamos.
 visto das pteas, não podendo todavia evitar alguns
 erro obstate termos sido alguns epidos com a re-

Page	Year	Print	Illustration
13	7	chriso	chriso
24	20	beta e conata	beta, inaccato
26	23	como o tau	como o tau
27	6	o tau	o tau
28	8	chriso	chriso
130	2	avrigar-me	avrigar-me
11	12	avrigar-me	avrigar-me



Aranceo.

